



## VINCULAÇÃO E MEMÓRIA: OS EFEITOS DA VINCULAÇÃO EVITANTE NO DESEMPENHO DE MEMÓRIA OPERATÓRIA

**Mariana Filipa de Sousa Ferreira da Silva**

Outubro, 2017

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia, área de Psicologia Clínica e da Saúde, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor **Nuno Gaspar** (FPCEUP).

## AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

## Agradecimentos

“*A gratidão é o único tesouro dos humildes*”. No final desta etapa encontro-me imersa neste tesouro que pretendo partilhar com todos aqueles que permitiram e encorajaram a concretização deste projeto, em especial:

Ao *Professor Doutor Nuno Gaspar*, pela orientação, atenção dispensada, disponibilidade e por todo o apoio prestado no decorrer desta etapa. Obrigada pela partilha de conhecimentos e por todas as aprendizagens proporcionadas que, seguramente, enriqueceram o meu trabalho e as minhas reflexões.

À *Professora Doutora Robin Edelstein*, por me ter disponibilizado a sua dissertação de mestrado que serviu de base ao artigo que motivou este estudo.

A todos *os participantes* deste estudo, pela disponibilidade na colaboração e motivação evidenciada.

À *Isabel* e à *Débora* por terem sido incansáveis na divulgação do estudo junto da sua rede de pares e por toda a força e coragem que sempre me transmitiram.

À *Soraia*, por representares o verdadeiro sentido da amizade. Por todas as palavras de conforto e de força. Por teres caminhado ao meu lado nesta jornada e por me dares a certeza de que o nosso caminho será longo.

Aos *meus pais e irmãos* pelo exemplo que são e por todo o cuidado que sempre me dedicaram. Por acreditarem em mim e incentivarem todos os meus sonhos. Obrigada por me fazerem, a cada dia, uma pessoa melhor!

Ao *Marcos*, pelo amor e apoio incondicional. Por nunca deixares de acreditar em mim e me encorajares nas batalhas mais difíceis. Por encontrar nos teus braços a certeza de um porto seguro. Obrigada por me devolveres, sempre, o meu maior sorriso!

A todos os *familiares e amigos* que preenchem o meu coração, obrigada pelo apoio e preocupação constantes.

## Resumo

Tem sido proposto que a memória para experiências e conteúdos relacionados com a vinculação sofre fortes influências das diferenças individuais de vinculação. Grande parte da evidência empírica é concordante na hipótese de que indivíduos mais evitantes utilizam estratégias defensivas recorrendo à desativação do sistema de vinculação, sendo que estas estratégias podem limitar a codificação de informações relacionadas com a vinculação e a sua recordação posterior. Deste modo, o presente estudo propõe analisar especificamente os prejuízos na memória de indivíduos com altas pontuações na escala de evitamento, com recurso à avaliação da sua capacidade de memória operatória para estímulos relacionados com a vinculação, emocionais e neutros.

Com vista a cumprir o objetivo delineado, 180 estudantes universitários realizaram uma tarefa de amplitude de memória operatória – tarefa de amplitude de operações de Turner e Engle (1989). Os participantes foram distribuídos aleatoriamente por três tipos de condições experimentais: emocional, vinculação e neutra. As diferenças individuais de vinculação foram avaliadas através do Inventário *Experiences in Close Relationships* (Brennan, Clark, & Shaver, 1998).

Os resultados obtidos não suportam as previsões do estudo, indicando que o desempenho de MO para os diferentes tipos de estímulos não está associado com o nível de evitamento apresentado pelos participantes. Cumulativamente, comparando os participantes com maior e menor evitamento, não foram encontradas diferenças significativas específicas na recordação de palavras relacionadas com a vinculação. O mesmo padrão de resultados foi evidenciado no que se refere à dimensão da ansiedade, tendo-se concluído que esta não se encontra associada ao desempenho de MO para estímulos relacionados com a vinculação. Contudo, importa destacar que este estudo apresentou resultados relevantes que apoiam a influência do conteúdo emocional na memória, tendo sido encontradas diferenças significativas no desempenho de MO entre as três condições experimentais. A este nível, os resultados revelaram uma vantagem na recordação de palavras emocionais comparativamente a palavras neutras e palavras relacionadas com a vinculação. Adicionalmente, os resultados indicaram que o envolvimento num relacionamento amoroso se traduz em menores níveis de ansiedade e evitamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vinculação; Memória Operatória; Evitamento; Ansiedade.

## **Abstract**

It has been proposed that individual attachment differences have a high impact on attachment related memories. Empirical evidence has supported the hypothesis that avoidant individuals use defensive strategies by deactivating the attachment system, and that these strategies can limit the codification of attachment related information and its later recall. Therefore, the current study aims to analyse the negative impact on the memory of individuals with high scores on the avoidance scale through the evaluation of their working memory capacity to emotional and neutral stimuli, as well as attachment related stimuli.

In order to achieve the established goal, 180 university students completed an operation span task – Operation Span Task of Turner and Engle (1989). Participants were randomly separated into three experimental conditions: emotional, attachment and neutral. The individual attachment differences were assessed using the Experiences in Close Relationships Inventory (Brennan, Clark & Shaver, 1998).

The results do not support this study's predictions, showing that the performance of the working memory for the different types of stimuli is not related with the level of avoidance present by the participants. Moreover, when comparing participants with more or less avoidance levels, significant differences regarding the recall of attachment related words were not found. The same pattern of results was found when it comes to anxiety dimension, concluding that anxiety is not associated with the working memory performance on the attachment related stimuli condition. However, this study presented results that support the impact of emotional content on the memory as significant differences were found in the Working Memory performance in the three experimental conditions. An advantage on the recall of emotional words compared to neutral and attachment related words was also found. Furthermore, the results showed that involvement in a romantic relationship decrease anxiety and avoidance levels.

**KEY-WORDS:** Attachment; Working Memory; Avoidance; Anxiety.

## Résumé

Il a été proposé que la mémoire pour les expériences et les contenus liés à l'attachement souffre de fortes influences des différences individuelles d'attachement. Une grande partie de l'évidence empirique compati dans l'hypothèse dans laquelle les individus les plus évitant utilisent des stratégies défensives qui recourent à la désactivation du système d'attachement, car ces stratégies peuvent limiter la codification des informations qui sont liés avec l'attachement et votre rappel ultérieur. Ainsi, la présente étude propose d'analyser spécifiquement la détérioration de la mémoire des individus avec des scores élevés à l'échelle d'évitement, avec recours à l'évaluation de sa capacité de mémoire de travail pour stimuli liée à l'attachement, émotionnelle et neutres.

Afin d'accomplir l'objectif décrit, 180 étudiants universitaires ont réalisés une tâche d'amplitude de la mémoire de travail – tâche d'amplitude des opérations de Turner et Engle (1989). Les participants ont été distribués aléatoirement par trois types de conditions expérimentales: émotionnelle, l'attachement et le neutre. Les différences individuelles de l'attachement furent évaluées à l'aide de l'Inventaire *Experiences in Close Relationships* (Brennan, Clark, Shaver, 1998).

Les résultats obtenus ne supportent les prévisions de l'étude, indiquant que la performance de mémoire de travail pour les différents types de stimuli ne sont pas associés avec le niveau d'évitement présenté par les participants. En cumul, en comparant les participants avec un évitement plus élevé et plus bas, aucune différence significative ne fut trouvée dans le rappel de mots lié à l'attachement. Le même schéma de résultats a été mis en évidence en ce qui concerne la dimension de l'anxiété, et il a été conclu qu'il n'est pas associé à la performance de mémoire de travail pour les stimuli liés à l'attachement. Cependant, il convient de noter que cette étude a présenté des résultats pertinents qui soutiennent l'influence du contenu émotionnel dans la mémoire, et des différences dans la performance de mémoire de travail ont été trouvées entre les trois conditions expérimentales. Dans ce niveau, les résultats ont révélé un avantage dans le rappel des mots émotionnels par rapport à des mots neutres et des mots liés à l'attachement. De plus, les résultats indiquent que l'implication dans une relation amoureuse se traduit par des niveaux inférieurs d'anxiété et d'évitement.

**MOTS-CLÉS:** Attachement; Mémoire de Travail; Évitement; Anxiété.

## **Abreviaturas**

**ECR** – Experiences in Close Relationships

**MCP** – Memória a Curto Prazo

**MLP** – Memória a Longo Prazo

**MO** - Memória Operatória

**MS** - Memória Sensorial

**PCU** - Parcial de Resultados por Unidade (do inglês, *Partial-credit unit scoring*)

## ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO .....	1
II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	3
1. Vinculação .....	3
1.1. Sistema comportamental de vinculação .....	3
1.2. Modelos internos dinâmicos.....	4
1.3. Diferenças individuais na organização comportamental da vinculação.....	5
2. Memória .....	7
2.1. Memória Operatória .....	8
2.2. Componentes da memória operatória.....	9
2.3. Diferenças individuais na capacidade de memória operatória .....	10
3. Vinculação e Memória.....	11
3.1. Modelos Internos Dinâmicos e suas influências na Memória.....	11
3.2. Diferenças relacionadas com a vinculação na memória.....	11
III. ESTUDO EMPÍRICO .....	16
1. Objetivo do Estudo .....	16
2. Metodologia.....	17
2.1. Estudo Piloto .....	17
2.2. Participantes .....	17
2.3. Material .....	18
2.4. Procedimento.....	20
IV. RESULTADOS .....	22
1. Apresentação dos Resultados .....	22
1.1. Análise descritiva do desempenho da MO .....	22
1.2. Análise do desempenho da MO em função da condição experimental.....	23
1.3. Análise dos níveis de ansiedade e evitamento .....	24
1.3.1. Análise do nível de ansiedade em função da presença de um relacionamento amoroso.....	24

1.3.2. Análise do nível de evitamento em função da presença de um relacionamento amoroso.....	24
1.4. Análise da MO de acordo com o nível de evitamento .....	24
1.4.1. Participantes .....	24
1.4.2. Comparação do desempenho da MO em função do nível de evitamento nas três condições experimentais .....	25
1.5. Análise da MO de acordo com o nível de ansiedade .....	25
V. DISCUSSÃO.....	26
VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32
VIII. ANEXOS .....	40

## Índice de Quadros

<b>Quadro 1</b> - Características sociodemográficas da amostra.....	18
<b>Quadro 2</b> - Análise descritiva do desempenho da MO nas três condições experimentais.....	22
<b>Quadro 3</b> - Resultados obtidos pelo <i>Teste t de student</i> para o controlo dos três índices psicolinguísticos nos diferentes tipos de palavras.....	Anexo E

## Índice de Figuras

<b>Figura 1</b> - Média do desempenho da MO nas três condições experimentais.....	23
---	----

## I. INTRODUÇÃO

A teoria da vinculação tem sido amplamente estudada por diversos investigadores no âmbito da compreensão das relações humanas, bem como da constituição e caracterização dessas relações. Bowlby (1980), um dos principais pioneiros no estudo desta teoria, desenvolveu uma perspectiva evolucionista segundo a qual os indivíduos possuem ao longo do seu ciclo vital uma necessidade biológica de construir relações afetivas de intimidade com outros indivíduos. A regular o processo de construção de relações afetivas encontram-se os modelos internos dinâmicos – representações cognitivas do self e dos outros, que se considera serem construídos no desenvolvimento das relações de interação dos indivíduos com as suas figuras de vinculação (Bowlby, 1973, 1988). Estes modelos, assumem-se como importantes grelhas de leitura que têm uma influência direta na forma como as pessoas interpretam o seu mundo social, desenvolvem os seus desejos e necessidades de vinculação, bem como no modo em que os expressam e tentam satisfazer (Cobb & Davila, 2009). Além disso, envolvem processos cognitivos que orientam a atenção e memória do indivíduo, apresentando uma grande influência no modo como este processa a informação social, bem como a recorda posteriormente (Cobb & Davila, 2009; Pietromonaco & Barrett, 2000).

As diferenças individuais na vinculação têm sido propostas como fontes de influências significativas na memória (Gentzler & Kerns, 2006; Quas & Fivush, 2009). Bradley, Greenwald, Petry e Lang (1992) postularam que a memória é influenciada pelo conteúdo emocional dos acontecimentos, verificando-se uma recordação superior para acontecimentos/materiais de conteúdo emocional, em detrimento de acontecimentos/materiais neutros. Assim, considerando as experiências de vinculação como elementos altamente ricos em conteúdo emocional, depreende-se que a memória poderá ser afetada de acordo com a natureza e as características destas experiências.

O presente estudo propõe analisar especificamente os prejuízos na memória de indivíduos com pontuações elevadas na escala de evitamento com recurso à avaliação da sua capacidade de memória operatória (MO) para estímulos relacionados com a vinculação, emocionais e neutros. No que se refere à sua organização, inicialmente será apresentado um enquadramento teórico com três secções distintas: a) a primeira engloba uma breve revisão da teoria da vinculação, contendo alguns construtos e princípios básicos da mesma; b) a segunda diz respeito à memória, nomeadamente à memória

operatória, sendo abordadas algumas das suas componentes e funções principais; c) a terceira refere-se à relação entre a vinculação e a memória, sendo apresentadas várias conclusões de estudos que permitem afirmar influências das diferenças individuais da vinculação na memória. Posteriormente, será apresentado o estudo empírico, sendo incluídos o objetivo do estudo, a caracterização da amostra e dos materiais utilizados, seguindo-se o procedimento adotado. Nos dois capítulos seguintes, consta a análise e a discussão dos resultados obtidos. Por fim, será apresentado um capítulo com as considerações finais relativas à investigação realizada, sendo incluídas as suas limitações, bem como sugestões para investigações futuras.

## II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 1. Vinculação

O estudo da teoria da vinculação encontra-se associado aos trabalhos pioneiros desenvolvidos por John Bowlby e Mary Ainsworth (1991) que, recorrendo a conceitos da etologia, cibernética, processamento de informação, psicologia do desenvolvimento e psicanálise, estabeleceram os princípios básicos desta teoria. Esta, sofreu fortes influências dos estudos e pesquisas acerca da natureza das relações humanas durante o ciclo de vida (Bowlby, 1969, 1973, 1980). Estudando os efeitos da privação de cuidados maternos na disrupção da vinculação, o pensamento vigente na época foi revolucionado, emergindo um posicionamento alternativo relativamente às ideologias psicanalíticas dominantes (Bretherton, 1992). Assistiu-se, portanto, ao desenvolvimento de uma perspectiva evolucionista, segundo a qual a necessidade de constituição de laços emocionais de proximidade se inscreve biologicamente no quadro do processo evolutivo. Deste modo, justifica-se a tendência inata dos seres humanos em criar e manter ligações afetivas de proximidade com outros seres ao longo da sua existência. Estas ligações, estabelecidas com figuras significativas, são pautadas por uma intensa afetividade e permitem ao indivíduo a obtenção da segurança necessária para explorar o mundo, conhecer o outro e conhecer-se a si próprio (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bowlby, 1969; Bretherton, 1992).

#### 1.1. Sistema comportamental de vinculação

Associado ao estabelecimento de laços emocionais e à predisposição dos indivíduos para tal, surge o sistema comportamental de vinculação. Este, destina-se a modular e controlar comportamentos relacionados com a proximidade e comunicação entre a criança e a figura de vinculação. Tais comportamentos, visam a obtenção de um sentimento de segurança percebida (*felt security*), bem como o apoio de pessoas significativas em situações de ameaça ou sofrimento (Stroufe & Waters, 1977). Segundo Bowlby (1969), os bebés nascem com um repertório de comportamentos que visam obter a proximidade com as figuras de vinculação, sendo estas últimas capazes de: a) fornecer proteção contra ameaças físicas e psicológicas; b) promover a segurança e exploração saudável do meio ambiente e c) ajudar à aprendizagem e regulação das emoções de forma

eficaz. Estes comportamentos, designados comportamentos de vinculação, são geralmente dirigidos a uma figura considerada mais forte ou sábia que, conseqüentemente, terá uma maior probabilidade de lidar com as exigências e dificuldades encontradas no meio (Matos, 2003).

A regulação do sistema de vinculação é realizada através de um nível ótimo de distância/proximidade da figura de vinculação que determina a ativação/desativação deste sistema (Matos, 2003). Para que a regulação seja possível é necessária uma avaliação subjetiva das circunstâncias do meio interno (condições físicas e psicológicas da criança) e externo (condições ambientais), bem como do seu confronto com um critério de segurança percebida (percepção da acessibilidade e disponibilidade da figura de vinculação) (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978). Deste modo, quando a criança é exposta a um estímulo que é percebido pela mesma como ameaçador, ocorre a ativação do sistema de vinculação que, caso se revele eficiente, fará diminuir o nível de ansiedade e desconforto da criança.

## **1.2. Modelos internos dinâmicos**

Um dos princípios centrais da teoria da vinculação é que, baseados em experiências iniciais de interação (iniciando na relação entre mãe-bebê), os indivíduos desenvolvem modelos internos de si mesmos e dos outros (Bowlby, 1969, 1973). Estes modelos são representações mentais que se internalizam como partes do sistema comportamental de vinculação. Assim, relacionam-se com eventos ou experiências passadas, afeto, bem como expectativas, crenças e sentimentos dos indivíduos acerca dos seus relacionamentos com figuras significativas (Bowlby, 1973; Mikulincer & Shaver, 2007; Pietromonaco & Barrett, 2000). Geralmente, operam inconscientemente em pensamentos, emoções e comportamentos, tendo como principal função interpretar e antecipar o comportamento do outro (prever a disponibilidade e responsividade), bem como planejar ou guiar o próprio comportamento no relacionamento (Bretherton, 1990). Assim, constituem-se como uma espécie de sistema de orientação que permite que os indivíduos saibam o que fazer ou esperar da interação com os outros (Costello, 2013).

Ao considerar os modelos internos dinâmicos, importa salientar duas dimensões principais: o modelo de si, que se relaciona com a percepção que o indivíduo tem acerca de si próprio enquanto sujeito merecedor de amor e atenção; e o modelo do outro, que se refere à percepção que o indivíduo tem dos outros como figuras acessíveis capazes de responder aos seus pedidos de apoio, conforto e segurança (Bowlby, 1973; Matos, 2003).

Segundo Bowlby (1969, 1988), os indivíduos que possuem figuras de vinculação disponíveis, sensíveis e responsivas, tendem a desenvolver um modelo dos outros geralmente mais positivo. Adicionalmente, tendem a possuir um modelo de si positivo, considerando-se merecedores de atenção, afeto e amor por parte dos outros. Por outro lado, indivíduos que experimentam figuras de vinculação inconsistentes ou que não respondem emocionalmente às suas necessidades, têm geralmente uma visão de si como inaceitáveis e dos outros como incapazes e indisponíveis para lhes proporcionarem conforto e segurança (Bowlby, 1973; Pietromonaco & Barret, 2000). Deste modo, apesar dos modelos apresentados serem independentes, existe uma complementaridade dos mesmos (i.e., um modelo de si como merecedor de amor está geralmente associado a um modelo da figura de vinculação como responsiva emocionalmente; e um modelo de si negativo associa-se, por norma, a um modelo da figura de vinculação como rejeitante e indisponível).

Segundo Bowlby (1988), os modelos internos dinâmicos podem ser considerados um mecanismo através do qual as experiências de vinculação influenciam o indivíduo ao longo do seu ciclo vital. Apesar de serem apresentados e discutidos no contexto das relações de vinculação primárias dos indivíduos, alguns autores têm sugerido que estes modelos podem explicar os relacionamentos na vida adulta, bem como a transferência de figuras de vinculação primárias, como os pais ou cuidadores de infância, para outras figuras significativas como por exemplo, pares, parceiros ou cônjuges (Bowlby, 1973; Hazan & Shaver, 1987). Assim, considera-se que embora exista uma tendência para a estabilidade destes modelos, é possível que novos relacionamentos sejam uma oportunidade de redefinição dos mesmos, uma vez que estes se apresentam sensíveis a alterações nas relações do indivíduo com o meio (Bowlby, 1988).

### **1.3. Diferenças individuais na organização comportamental da vinculação**

O procedimento laboratorial intitulado de *Situação Estranha* (Ainsworth et al., 1978) constituiu-se como um marco importante no desenvolvimento da teoria da vinculação. Este procedimento testou alguns dos pressupostos formulados por Bowlby, através da observação comportamental da interação entre mãe-criança, tendo como principal objetivo a análise das diferenças individuais na organização comportamental da vinculação das crianças, onde se dava uma sequência estruturada de separações e reencontros entre a criança e a sua figura de vinculação. Desta forma, emergiram padrões de interação diferentes que foram representados em três estilos de vinculação: *seguro*,

*ansioso-ambivalente* e *evitante*, sendo estes definidos através da acessibilidade e responsividade das figuras de vinculação face aos apelos de apoio, proteção e conforto das crianças (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bretherton, 1992).

Mais tarde, baseados nos estudos de Ainsworth com crianças, Hazan e Shaver (1987) sugeriram que os estilos de vinculação em adultos correspondiam às descrições conceituais dos padrões comportamentais da vinculação em crianças. Assim, de igual modo, consideraram a existência de três estilos diferentes de vinculação no adulto: seguro, ansioso-ambivalente e evitante. O estilo de vinculação seguro associa-se a indivíduos que confiam na disponibilidade e responsividade de outros significativos, estando confortáveis com a proximidade nos seus relacionamentos e não revelando preocupação com a rejeição ou abandono. São indivíduos que valorizam os seus relacionamentos interpessoais e investem nos mesmos (Costello, 2013; Mikulincer & Shaver, 2007). O estilo de vinculação ansioso-ambivalente corresponde a indivíduos que possuem uma necessidade excessiva de obter proximidade, preocupando-se com a indisponibilidade do outro e a possível rejeição e abandono (Pietromonaco & Barret, 2000). Em situações de resposta à ameaça utilizam estratégias de hiperativação do sistema de vinculação, sendo demonstrada uma enorme angústia e comportamentos de procura incessante de proximidade e segurança das figuras de vinculação (Mikulincer & Shaver, 2008). O estilo de vinculação evitante caracteriza-se por um desconforto dos indivíduos face à proximidade e uma relutância em confiar no outro, optando por manter uma distância emocional nos relacionamentos (Mikulincer & Shaver, 2007; Pietromonaco & Beck, 2015). Estes indivíduos antecipam a indisponibilidade e falta de responsividade por parte das figuras de vinculação mostrando, conseqüentemente, um padrão de resposta à ameaça de desativação do sistema de vinculação com vista a minimizar o seu sofrimento (Mikulincer & Shaver, 2008; Pietromonaco & Barret, 2000).

Dado que os modelos internos dinâmicos foram considerados elementos fulcrais na compreensão e análise das diferenças entre os padrões apresentados, existiu a necessidade da criação de padrões mais específicos que envolvessem os construtos do modelo de si e do outro. Deste modo, baseado na positividade destes modelos, Bartholomew (1990) criou um modelo bidimensional no qual se distinguem quatro protótipos de vinculação: seguro-autónomo (caracterizado por modelos internos de si e do outro positivos, originando relações de intimidade seguras e satisfatórias); preocupado (caracterizado por um modelo de si negativo e um modelo do outro positivo, resultando uma vivência das relações com um desejo insaciável de agradar ou obter a aprovação do

outro); desligado (caracterizado por um modelo de si positivo e um modelo do outro negativo, correspondendo a indivíduos que evitam relacionamentos próximos e valorizam excessivamente a independência) e amedrontado (caracterizado por modelos de si e do outro negativos, identificando-se em indivíduos que desejam o contacto social e intimidade, embora experimentem uma enorme desconfiança no outro e medo de rejeição) (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991).

No final da década de 1990 os estudos começaram a incluir gradualmente uma estrutura dimensional em detrimento de uma classificação categorial, sugerindo que as pessoas variam de uma forma contínua em termos de segurança (Fraley & Waller, 1998). Esta classificação, por sua vez, parece ser a mais adequada para a avaliação das diferenças na vinculação (Fraley, Hudson, Heffernan, & Segal, 2015). Neste sentido, considera-se que as diferenças individuais na organização da vinculação devem ser determinadas de acordo com a variação dos níveis de ansiedade e evitamento. Surgem então duas dimensões ou orientações de vinculação: ansiedade relativa ao abandono e evitamento da proximidade (Mikulincer & Shaver, 2007). A primeira reflete um forte desejo de proximidade e proteção, envolvendo preocupações intensas com a disponibilidade do parceiro, bem como o uso de estratégias de hiperativação do sistema de vinculação para lidar com a insegurança e angústia. A segunda, por sua vez, reflete um desconforto com a proximidade e dependência do outro, optando por manter a distância emocional e recorrer ao uso de estratégias de desativação do sistema de vinculação (Cassidy, 2000; Collins, Guichard, Ford, & Feeney, 2004; Mikulincer & Shaver, 2007).

## **2. Memória**

A memória é apontada como uma das capacidades cognitivas mais importantes do ser humano, uma vez que é a principal responsável pela sua identidade pessoal (Pinto, 2011). É constituída por um conjunto de processos básicos interligados, formando um sistema aberto onde a informação é adquirida e armazenada, para que posteriormente possa ser evocada (Halpern, 2003). Deste modo, considera-se a existência de três fases de processamento: aquisição (durante a qual as informações perceptivas são transformadas em representações mentais mais ou menos estáveis); retenção (onde a informação mnemónica é associada a uma outra representação e mantida na memória); e recuperação (durante a qual o sujeito pode momentaneamente reativar a representação mnemónica e

recuperar informações previamente armazenadas por processos de recordação ou reconhecimento) (Campos, Barroso, & Menezes, 2010; Halpern, 2003; Pinto, 1997).

Um dos modelos de memória mais aceites e citados pelos investigadores é o modelo multicomponencial, postulado por Atkinson e Schiffrin (1968), que distingue três componentes principais da memória: memória sensorial (MS), memória a curto prazo (MCP) e memória a longo prazo (MLP). De acordo com este modelo, inicialmente, a informação é processada, na MS, durante frações de segundo após o estímulo desaparecer. Posteriormente, é armazenada e processada na MCP, a qual retém apenas parte da informação com uma duração limitada (menos de 1 minuto). Esta componente tem a função de manter transitoriamente uma representação consciente do presente, permitindo que o indivíduo realize a tarefa em curso. Por fim, caso a informação seja suficientemente processada será registada na MLP, que possui uma capacidade ilimitada, podendo a informação permanecer armazenada por longos períodos de tempo (Pinto, 2011).

### **2.1. Memória Operatória**

O conceito memória operatória (MO) foi proposto, pela primeira vez, por Miller, Glanter e Pribram (1960) para designar uma estrutura onde os planos de ação são formados, modificados e executados (Pinto, 2003). Anos mais tarde, foi adaptado por Baddeley e Hitch (1974) para definir um sistema de armazenamento e manipulação temporária da informação durante a realização de um conjunto de tarefas cognitivas (Baddeley, 1986). A MO apresenta-se com uma capacidade limitada que sustenta as representações mentais disponíveis para o processamento, funcionando como um espaço de trabalho mental suscetível de ser utilizado no apoio de tarefas como a compreensão, aprendizagem e o raciocínio (Alloway, 2006; Baddeley, 1986; Oberauer, Farrell, Jarrold, & Lewandowsky, 2016).

Baddeley e Hitch (1974), baseados no modelo de Atkinson e Shiffrin (1968), propuseram o modelo da memória operatória (Baddeley, 2002). Este, pretende associar as funções da MCP com as funções da consciência e atenção (Pinto, 2003). Na sua versão original, postulou a existência de dois registos de memória que funcionavam como sistemas de apoio, contrariando a visão unitária da MCP, adotada até ao momento (Baddeley, 1986; Pinto, 2011). Nas décadas seguintes o modelo de MO de Baddeley e Hitch (1974) obteve um apoio empírico considerável, tendo sido substituído pelo modelo inicial de MCP. Contudo, rapidamente emergiram outros modelos de MO, contribuindo para uma dificuldade crescente na definição deste conceito. Assim, esta dificuldade surge

pela utilização indiscriminada deste termo e pela sua generalização, sendo atribuído a conceitos como MCP. Além disso, Gaspar (2011) argumenta que esta dificuldade se deve, essencialmente, à existência de um grande leque de metáforas associadas a diferentes aspetos do conceito.

## **2.2. Componentes da memória operatória**

Baddeley e Hitch (1974), no seu modelo de memória operatória, propuseram a existência de um sistema constituído por uma componente central, o sistema diretivo central (*central executive*), auxiliada por dois subsistemas secundários, o ciclo fonológico (*phonological loop*) e o bloco de notas espaço-visual (*visuospatial sketchpad*).

O sistema diretivo central é a componente mais complexa da memória operatória (Baddeley, 2012). Este possui uma capacidade limitada e é o principal responsável pelo controlo da atenção, planeamento de estratégias e tomada de decisão. Deste modo, atua como um supervisor capaz de controlar o processamento de informação, selecionando os planos e estratégias a utilizar pela ordem mais eficaz, e integrando informação proveniente de fontes distintas (Baddeley, 1986; Pinto, 2011).

O ciclo fonológico apresenta como principal função o armazenamento e processamento das informações codificadas verbalmente, sejam estas apresentadas por via auditiva ou visual. É composto por dois subcomponentes: o sistema de armazenamento fonológico, responsável por armazenar a informação relacionada com a linguagem; e o processo de repetição subvocal que, através da repetição interna da informação, permite a sua ativação e conservação no armazenamento fonológico (Baddeley, 1990, 2002). Este componente possui uma capacidade limitada, verificando-se um declínio na recordação de informação poucos segundos após o seu registo ser efetuado (Baddeley & Hitch, 1974).

O bloco de notas espaço-visual é responsável pelo armazenamento temporário e manipulação de informação visual (e.g. cor, forma ou brilho) e espacial (e.g. localização e movimentos dos materiais no espaço), sendo constituído por dois subcomponentes: o registo visual e o escriba interior (Baddeley, 2002; Baddeley & Hitch, 1974; Logie, 1995).

Após uma revisão do seu modelo de memória operatória, Baddeley (2000) sugeriu um quarto componente: o registo-tampão episódico (*episodic buffer*). Este, apresenta como principal função integrar a informação proveniente de várias fontes, servindo de interface entre os dois subsistemas (ciclo fonológico e bloco de notas espaço-visual) e a MLP (Baddeley, 2000; Baddeley, Allen, & Hitch, 2011; Pinto, 2011).

### **2.3. Diferenças individuais na capacidade de memória operatória**

Investigações sugerem uma ampla gama de propriedades da MO que contribuíram para a identificação de diferenças entre os indivíduos. A capacidade para controlar a atenção identifica-se como uma das propriedades e elementos mais determinantes, sendo esta um preditor do desempenho dos indivíduos em tarefas complexas de MO (Barrett, Tugade, & Engle, 2004). Engle (2002) descreve a função da MO como a capacidade de processar e armazenar informações relevantes, ao mesmo tempo que se inibe e suprime o processamento de informações perturbadoras que provocam distração. Deste modo, a capacidade de MO não se circunscreve às diferenças individuais observadas no número de itens que os indivíduos são capazes de armazenar. Por outro lado, relaciona-se com as diferenças na capacidade de controlar a atenção para manter as informações num estado ativo, facilmente recuperáveis, e para bloquear e inibir representações irrelevantes que possam tentar aceder à MO (Unsworth, Fukuda, Awh, & Vogel, 2014).

A capacidade de MO melhora com o desenvolvimento do cérebro, pelo que ocorre uma melhoria da infância para a idade adulta e um declínio nos idosos (Linden, Bredart, & Beerten, 1994; Ma, Husain, & Bays, 2014). Além disso, existe uma grande variabilidade desta capacidade entre os indivíduos, sendo que alguns demonstram uma maior capacidade de MO do que outros (Alloway, 2006; Conway, Kane, Bunting, Hambrick, Wilhelm, & Engle, 2005). Estas diferenças individuais na MO são fortes preditores de variações no aumento do funcionamento cognitivo e desempenho de tarefas cognitivas como por exemplo a leitura, compreensão da linguagem e raciocínio (Barrett et al., 2004; Kane & Engle, 2003).

Existem fortes evidências de que a emoção pode melhorar a memória (Holland & Kensinger, 2013). Deste modo, o conteúdo emocional pode afetar o desempenho da MO, verificando-se diferenças individuais em tarefas de MO, através de efeitos decorrentes do nível de atenção dos indivíduos (Gaspar, 2011). Classicamente, considera-se que o conteúdo emocional dos acontecimentos influencia positivamente a recordação posterior, já que estes são evocados em maior número e com mais detalhes comparativamente a acontecimentos neutros (Bradley, Greenwald, Petry, & Lang, 1992). No presente estudo a capacidade de memória operatória foi avaliada para estímulos relacionados com a vinculação, estímulos emocionais e estímulos neutros. Considerando as experiências de vinculação como elementos ricos em conteúdo emocional, prevê-se a existência de diferenças na capacidade de MO para os diferentes estímulos de acordo com as diferenças individuais de vinculação.

### **3. Vinculação e Memória**

#### **3.1. Modelos Internos Dinâmicos e suas influências na Memória**

Os modelos internos dinâmicos permitem que o indivíduo avalie as suas experiências; interprete situações novas; e consiga prever possíveis resultados, através de uma estrutura mental representativa (Bowlby, 1969, 1982; Bretherton & Munholland, 1999). Bowlby (1980) definiu estes modelos como uma fonte de influência significativa na forma como os indivíduos obtêm, organizam e operam a informação social de vinculação relevante. Estes modelos envolvem processos cognitivos que orientam a atenção e memória do indivíduo em direção a informação consistente com as expectativas e sentimentos acerca de si próprio e dos outros (Cobb & Davila, 2009; Main, Kaplan, & Cassidy, 1985). Deste modo, os modelos internos dinâmicos têm uma grande influência na determinação e seleção das informações que os indivíduos atendem, como interpretam essas informações, bem como no modo em que as conseguem recordar mais tarde (Pietromonaco & Barrett, 2000).

Os esquemas de representações mentais diferem entre os indivíduos, sendo em função destas estruturas que os eventos e informações são armazenados na memória de forma igualmente distinta. Assim, as investigações neste domínio assentam na compreensão das fontes das diferenças individuais na forma como o processamento e recordação de informações emocionais ocorre (Gentzler & Kerns, 2006; Quas & Fivush, 2009).

#### **3.2. Diferenças relacionadas com a vinculação na memória**

As relações emocionalmente significativas (e.g. relação entre pai e filho) contribuem de forma considerável para o modo como os indivíduos respondem a experiências emocionais e processam a informação social. Neste sentido, a teoria da vinculação tem recebido particular atenção neste âmbito, uma vez que se considera uma poderosa estrutura que permite o estudo das diferenças individuais na memória de informação emocional (Dykas & Cassidy, 2011).

As diferenças individuais na vinculação são geralmente avaliadas em termos de duas dimensões independentes: ansiedade e evitamento (Brennan et al., 1998). Relativamente à dimensão da ansiedade, considera-se que indivíduos com altas pontuações nestas escalas são hipervigilantes em relação à figura de vinculação,

percebendo os outros como indisponíveis e inacessíveis, enquanto procuram incessantemente proximidade. Deste modo, utilizam estratégias de hiperativação do sistema de vinculação, que envolvem um forte viés em direção a estímulos emocionalmente angustiantes e relacionados com a vinculação. Por outro lado, pontuações elevadas em escalas de evitamento correspondem a indivíduos que se sentem desconfortáveis com a proximidade e se esforçam para manter a independência. Estes indivíduos utilizam estratégias de desativação do sistema de vinculação para serem capazes de lidar com as ameaças à sua própria segurança (Haggerty, Siefert, & Weinberger, 2010; Mikulincer & Shaver, 2008).

O uso de estratégias de desativação do sistema de vinculação é apontado como uma influência significativa no processamento de informação e memória, originando padrões de memória enviesados (Bowlby, 1980; Main et al., 1985). Bowlby (1980) sugere que a influência da vinculação no processamento da informação é um processo adaptativo, uma vez que proporciona proteção psicológica ao indivíduo e ajuda-o a preservar o relacionamento mantido com a figura de vinculação. Deste modo, quando são apresentadas informações sociais relevantes para a vinculação, que anteriormente geraram sofrimento psicológico, poderá desenvolver-se uma estratégia inconsciente de redução de atenção ou memória para estes estímulos. Neste caso, os modelos internos dinâmicos funcionam no sentido de fornecer uma defesa ao indivíduo, protegendo-o de experimentar dor e limitando o acesso a informações sociais relevantes para a vinculação.

O processamento da informação social ocorre em função dos modelos internos dinâmicos e apresenta regras distintas conforme estes se revelem seguros ou inseguros. Figuras de vinculação que não se apresentam sensíveis e responsivas em relação aos sinais de angústia ou medo da criança podem contribuir para o desenvolvimento de uma representação mental de vinculação insegura. Segundo Dykas e Cassidy (2011) indivíduos que possuem uma vinculação segura revelam uma maior capacidade para codificar de forma correta e recordar um acontecimento ou informação relacionado com a vinculação, uma vez que realizam o seu processamento de forma aberta e flexível. Por outro lado, indivíduos que possuem uma vinculação insegura recorrem a estratégias mentais defensivas para processar tais informações, afetando quer a sua codificação, quer a recordação posterior (Dykas, Woodhouse, Jones, & Cassidy, 2014).

Particularmente, o evitamento relaciona-se com a organização de redes representativas e estratégias cognitivas que limitam o processamento de informações relacionadas com a vinculação, originando défices na memória para este tipo de

informações (Fraley, Davis, & Shaver, 1998). Vários estudos encontraram resultados consistentes com esta hipótese (Edelstein et al., 2005; Fraley, Garner, & Shaver, 2000; Mikulincer & Orbach, 1995; Rholes, Simpson, Tran, Martin III, & Friedman, 2007). Por exemplo, num estudo realizado por Mikulincer e Orbach (1995) foi pedido aos participantes que recordassem experiências da infância envolvendo momentos em que se sentiram ansiosos, tristes, irritados ou felizes. Os resultados indicaram que os participantes com elevadas pontuações na escala de evitamento recordaram menos experiências emocionais de infância do que os restantes participantes. Fraley, Garner e Shaver (2000) observaram padrões de memória semelhantes, tendo verificado que indivíduos com altas pontuações na escala de evitamento recordaram menos detalhes de uma entrevista emocional relacionada com a vinculação, comparativamente a indivíduos com menores pontuações nestas escalas. Adicionalmente, concluíram que os prejuízos da memória nestes indivíduos se associam a uma menor atenção para informações emocionalmente significativas.

Em apoio à ideia anterior surgem os resultados de um estudo realizado por Zeijlmans van Emmichoven, van Ijzendoorn, De Ruiter e Brosschot (2003). Este tinha como objetivo investigar a relação entre a vinculação e ansiedade, bem como a alocação da atenção para estímulos ameaçadores, positivos e neutros. Os investigadores utilizaram como medida de atenção uma tarefa de *stroop* emocional, administrada a uma amostra de pacientes com perturbações de ansiedade e uma amostra não clínica. Os resultados revelaram que os pacientes com perturbações de ansiedade que possuíam uma vinculação segura apresentaram maior efeito de interferência *stroop* para estímulos ameaçadores do que pacientes inseguros. Deste modo, concluiu-se que os indivíduos seguros são mais propensos a processar informações ameaçadoras do que pacientes inseguros que parecem ignorar ou evitar a natureza ameaçadora da palavra estímulo. Na amostra saudável não foram verificados efeitos de interferência específicos, embora os participantes inseguros tenham apresentado latências de resposta maiores do que os participantes seguros. Num outro estudo (Dewitte, Koster, De Houwer, & Buysse, 2007) encontraram-se resultados semelhantes, tendo-se concluído que pontuações elevadas nas escalas de ansiedade e evitamento se relacionam com participantes que desviam a atenção de palavras negativas relacionadas com a vinculação.

Os défices na memória em indivíduos evitantes têm sido associados ao uso de estratégias defensivas que permitem a supressão de emoções angustiantes. Assim, verifica-se uma menor acessibilidade, por parte destes indivíduos, a memórias negativas

e uma atenuação da intensidade das experiências negativas recordadas (Gentzler & Kerns, 2006). Fraley e Brumbaugh (2007) realizaram dois estudos utilizando a gravação de uma entrevista clínica de uma mulher que descrevia as suas relações familiares. Nesta entrevista foram incluídos propositadamente muitos conceitos relacionados com a vinculação, sendo que após ouvirem a entrevista os participantes eram convidados a recordar alguns desses conceitos. Os resultados destes estudos indicaram que os indivíduos altamente evitantes eram menos propensos a recordar informações relacionadas com a vinculação. Adicionalmente, os investigadores verificaram que essa menor recordação se associava a manobras defensivas que limitam a codificação deste tipo de informações. Contudo, mesmo quando estas informações são codificadas, o uso de estratégias de desativação do processamento de informação no momento da recordação pode restringir a forma como essas experiências são recuperadas e relatadas. Por exemplo, o estudo realizado por Mikulincer e Orbach (1995) indicou que os indivíduos altamente evitantes eram capazes de recordar memórias da infância relacionadas com a tristeza e ansiedade, revelando que tinham realizado a codificação dessas memórias. No entanto, verificou-se que o tempo de acesso e recuperação a essas memórias era bastante superior comparativamente a indivíduos menos evitantes. Este estudo concluiu ainda que os indivíduos altamente evitantes evocavam memórias com baixos níveis de intensidade emocional. Do mesmo modo, Edelstein e colaboradores (2005) através da sua investigação com adultos que tinham sido vítimas de abusos sexuais em criança, verificaram que além dos indivíduos mais evitantes terem mais dificuldades na recordação de acontecimentos relacionados com a vinculação, estes tinham uma dificuldade específica em recordar experiências passadas com grande intensidade emocional.

Estudos realizados em relacionamentos românticos encontraram resultados semelhantes, tendo verificado que indivíduos que possuem pontuações elevadas em escalas de evitamento tendem a limitar a quantidade de informação sobre os seus parceiros. Assim, suprimem tais informações com o intuito de manterem uma independência psicológica (Rholes et al., 2007). Em consonância com estes resultados, Sutin e Gillath (2009), através de um estudo onde os participantes teriam que recuperar uma memória romântica positiva e negativa, verificaram que indivíduos com pontuações mais elevadas na escala de evitamento, apresentavam memórias menos coerentes para experiências com os seus parceiros românticos.

No que respeita aos efeitos da vinculação ansiosa na memória, os resultados são inconsistentes. Indivíduos com altos níveis de ansiedade, dada a sua hipervigilância à separação/abandono e a sua preocupação em relação às figuras de vinculação, seria esperado que revelassem memória aumentada para informações relacionadas com a vinculação (Edelstein, 2006). A este respeito, existem algumas evidências que indicam que indivíduos ansiosos apresentam melhorias na recordação de memórias emocionais autobiográficas (Mikulincer & Orbach, 1995). Dewitte e colaboradores (2007) postularam que a ativação do sistema de vinculação influencia o processamento cognitivo, originando uma atenção seletiva para informações relacionadas com a vinculação. Deste modo, verificaram que os adultos com pontuações mais elevadas nas escalas de ansiedade revelaram uma maior atenção a informações relacionadas com a vinculação. Contudo, outros estudos sugerem que a ansiedade não está relacionada com a memória emocional (Haggerty et al., 2010; Edelstein, 2006; Edelstein et al., 2005). No estudo de Haggerty e colaboradores (2010), por exemplo, não se verificou uma melhoria na memória de indivíduos ansiosos quando esta se reportava aos cuidadores. Face a este resultado, os autores apresentam como possível justificação o facto de os indivíduos ansiosos experimentarem as suas figuras de vinculação como inconsistentes, não confiáveis e imprevisíveis. Ainda, existem estudos que revelam a existência de défices de memória em indivíduos ansiosos para informações de vinculação relevantes (e.g. Kirsh & Cassidy, 1997). Deste modo, dadas as incongruências presentes na literatura, são necessárias mais investigações neste âmbito para que seja possível retirar-se ilações acerca da existência de possíveis efeitos da vinculação ansiosa na memória.

### III. ESTUDO EMPÍRICO

#### 1. Objetivo do Estudo

Esta investigação visa replicar um estudo realizado por Edelstein (2006) intitulado: “Attachment and emotional memory: Investigating the source and extent of avoidant memory impairments”. Deste modo, pretende analisar especificamente os prejuízos na memória de indivíduos com altas pontuações na escala de evitamento, através da avaliação da sua capacidade de MO para estímulos relacionados com a vinculação, emocionais e neutros.

Considerando a revisão da literatura efetuada anteriormente é possível depreender-se que a memória para experiências e conteúdos relacionados com a vinculação é influenciada pelos modelos internos dinâmicos dos indivíduos e, conseqüentemente, pelas diferenças individuais de vinculação. Grande parte da evidência empírica é concordante na hipótese de que indivíduos mais evitantes utilizam estratégias defensivas recorrendo à desativação do sistema de vinculação, sendo que estas estratégias podem limitar a codificação de informações relacionadas com a vinculação e a sua recordação posterior (Fralley & Brumbaugh, 2007; Rholes et al., 2007; Sutin & Gillath, 2009; Dycas et al., 2014). Deste modo, com base nestas evidências foram construídas as seguintes hipóteses de investigação:

**H<sub>1</sub>:** Existem diferenças na recordação de palavras nos indivíduos mais evitantes; participantes com elevadas pontuações nas escalas de evitamento apresentam um menor desempenho de MO para palavras relacionadas com a vinculação, comparativamente a palavras neutras e emocionais.

**H<sub>2</sub>:** Existem diferenças na recordação de palavras relacionadas com a vinculação entre indivíduos com maior e menor evitamento; participantes com elevadas pontuações nas escalas de evitamento apresentam um menor desempenho de MO para recordar palavras relacionadas com a vinculação comparativamente a participantes com baixas pontuações nestas escalas.

## 2. Metodologia

### 2.1. Estudo Piloto

Foi realizado um estudo piloto com 42 estudantes universitários (83,3% do sexo feminino e 16,7% do sexo masculino), com idades compreendidas entre os 19 e os 31 anos ( $M = 22.19$ ;  $DP = 1.84$ ). Este estudo permitiu testar a tarefa de amplitude de operações utilizada no artigo de Edelstein (2006). Deste modo, possibilitou a deteção de problemas referentes a esta tarefa, bem como a sua correção. Considerando as repetidas queixas dos participantes acerca da dificuldade da tarefa e de forma a evitar a existência de efeitos de chão<sup>1</sup>, esta foi reformulada e aproximada da versão original da tarefa de amplitude de operações de Turner e Engle (1989). Assim, os ensaios experimentais foram iniciados com uma extensão de 2 pares de operação-palavra em vez de 3. Além disso, tal como previsto na tarefa de Turner e Engle (1989) foram realizados 3 ensaios de cada extensão em vez de 2, perfazendo um total de 12 ensaios. Por fim, dado que os participantes revelaram ser incapazes de observar a palavra apresentada em grande parte dos ensaios experimentais, alegando estar a seleccionar o julgamento da equação matemática no momento do aparecimento da palavra, foi aumentado o tempo da apresentação das palavras para 2 segundos em vez de 1.

### 2.2. Participantes

Neste estudo participaram voluntariamente 180 indivíduos (71.1% do sexo feminino e 28.9% do sexo masculino), com idades compreendidas entre os 17 e os 36 anos ( $M = 21.43$ ;  $DP = 1.98$ ). Todos os participantes eram estudantes universitários, sendo a seleção da amostra realizada por conveniência, uma vez que o único critério valorizado para a sua inclusão foi a disponibilidade e acessibilidade dos participantes. Relativamente à nacionalidade verifica-se que a maioria dos participantes (99.4%) são de nacionalidade Portuguesa, existindo apenas uma participante (0.6%) de nacionalidade Cabo Verdiana. No que se refere à vivência de relações amorosas verifica-se que 45.6% dos participantes estão numa relação amorosa e 54.4% não se encontram envolvidos num relacionamento amoroso.

---

<sup>1</sup> Do inglês *Floor effects*

Quadro 1. *Características sociodemográficas da amostra*

Sexo	Feminino	71.1%
	Masculino	28.9%
Idade	$M = 21.43; DP = 1.98$	
Nacionalidade	Portuguesa	99.4%
	Cabo Verdiana	0.6%
Existência de uma relação amorosa	Sim	45.6%
	Não	54.4%

Considerando a distribuição aleatória dos participantes pelas três condições da tarefa experimental (estímulos emocionais, estímulos neutros e estímulos relacionados com a vinculação), foram criados 3 grupos de participantes constituídos por 60 elementos cada. Na *condição emocional*, o grupo foi constituído por 42 indivíduos do sexo feminino (70%) e 18 indivíduos do sexo masculino (30%), com idades compreendidas entre os 17 e os 24 anos ( $M = 21.38; DP = 1.61$ ). Na *condição neutra*, o grupo foi constituído por 44 indivíduos do sexo feminino (73.3%) e 16 do sexo masculino (26.7%), com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos ( $M = 21.15; DP = 1.76$ ). Por fim, na *condição de vinculação*, o grupo foi constituído por 42 indivíduos do sexo feminino (70%) e 18 do sexo masculino (30%), com idades compreendidas entre os 18 e os 36 anos ( $M = 21.77; DP = 2.45$ ).

### 2.3. Material

***The Experiences in Close Relationships Inventory.*** O inventário *Experiences in Close Relationships* (ECR) (Brennan et al., 1998), validado para a população portuguesa por Paiva e Figueiredo (2010), procura avaliar a vinculação dos adultos em relacionamentos íntimos, tendo por base duas dimensões principais suscetíveis de estarem presentes neste tipo de relacionamento: o evitamento da proximidade e a ansiedade relativa ao abandono ou rejeição. O ECR constitui-se como uma medida de autorrelato contendo 36 itens, 18 itens pertencentes à subescala de evitamento (e.g. “Prefiro não mostrar ao meu companheiro(a) como me sinto no meu íntimo”) e 18 itens pertencentes à subescala da ansiedade (e.g. “Preocupa-me ser abandonada(o)”), com categorias de resposta tipo *likert* que variam entre 1 (fortemente em desacordo) e 7 (fortemente em acordo).

Apresenta uma consistência interna elevada para a escala total ( $\alpha=.86$ ), bem como para as duas subescalas: evitamento ( $\alpha=.88$ ) e ansiedade ( $\alpha=.86$ ).

Para responder a este questionário os participantes foram instruídos a pensar no modo como geralmente experienciam as suas relações e não apenas no que está a acontecer no seu relacionamento atual.

***Tarefa de amplitude de operações<sup>2</sup>***. A tarefa de amplitude de operações (Turner & Engle, 1989) pretende avaliar a capacidade de memória operatória. Nesta tarefa é apresentada uma proposição matemática com duas operações aritméticas simples num dos lados e uma solução declarada no outro, seguida de uma palavra que deverá ser posteriormente recordada pelos participantes. Numa primeira fase, o participante deverá verificar se a proposição se encontra correta ou incorreta assinalando, respetivamente, na folha de respostas o resultado como verdadeiro (V) ou falso (F). Posteriormente, deverá observar a palavra a recordar e, após surgir o sinal indicativo, registá-la na folha de respostas. Por exemplo, é apresentado o conjunto “ $(6-4) + 3 = 5$  governo”, que requer uma resposta verdadeira, seguida da palavra “governo”. Deste modo, a tarefa exige que o participante resolva as proposições entre cada palavra e, posteriormente, recorde a série de palavras que é apresentada, não necessitando, porém, de recorrer a um critério de ordem.

Nesta tarefa foram realizados 3 ensaios com a extensão de 2, 3, 4 e 5 pares de operação-palavra, perfazendo um total de 12 ensaios e 42 palavras a serem recordadas. O ritmo de apresentação foi de 6 segundos para as operações e 2 segundos para as palavras.

As 42 proposições matemáticas foram construídas com base nas seguintes regras: utilização de dígitos de 1 a 9 em cada uma das parcelas; presença do mesmo número de adições e subtrações; inclusão de 50% de proposições verdadeiras. Todos os cálculos intermédios foram realizados silenciosamente e sem o auxílio de lápis e papel.

Foi utilizado como estímulo um conjunto de 42 palavras de cada uma das três categorias: emocionais, neutras e relacionadas com a vinculação. As palavras com carácter emocional foram selecionadas com base num conjunto de palavras presentes nos estudos de Garcia-Marques (2003) e Gaspar (2009), que contêm normas de valência e familiaridade para palavras da língua portuguesa. As palavras relacionadas com a vinculação foram selecionadas através de um conjunto de literatura existente, tendo sido

---

<sup>2</sup> Do Inglês *Operation Span Task*

criada uma lista de 100 palavras (cf. Anexo A) que posteriormente foram classificadas por 14 psicólogos doutorados com uma vasta experiência na área da vinculação. As classificações destas palavras variavam numa escala de 1 (pouco relacionada com a vinculação) a 5 (muito relacionada com a vinculação), tendo-se incluído na experiência as 42 palavras que obtiveram uma pontuação mais elevada em termos de relevância para a vinculação. Como as palavras emocionais e as palavras relacionadas com a vinculação se associam entre si em termos semânticos, procurou-se que as palavras neutras também cumprissem este critério, tendo-se restringido o conjunto destas palavras a um membro de uma categoria superior: contexto escolar.

De forma a tornar as tarefas o mais homogêneas possível, procurou-se controlar alguns índices psicolinguísticos, nomeadamente a concreteness, valência emocional e familiaridade, nas palavras selecionadas como estímulos. Deste modo, pediu-se a um conjunto de 30 participantes que classificassem as palavras em termos de concreteness (cf. Anexo B) numa escala que varia entre 1 (pouco concreto) a 7 (muito concreto). O mesmo processo foi repetido para a valência emocional (cf. Anexo C), onde 1 representava negativa e 7 positiva, e familiaridade (cf. Anexo D), onde 1 representava pouco familiar e 7 muito familiar. Os resultados evidenciaram a existência de diferenças significativas entre os três tipos de palavras para os índices psicolinguísticos analisados comprometendo, assim, a homogeneidade dos estímulos utilizados (cf. Anexo E).

#### **2.4. Procedimento**

A recolha de dados foi realizada no Laboratório de Psicologia Experimental da FPCEUP, tendo-se garantido as mesmas condições ambientais a todos os participantes, de modo a eliminar possíveis influências do contexto no seu desempenho.

Numa primeira fase foi entregue o consentimento informado (cf. Anexo F) ao participante, com o intuito de oferecer uma breve explicação do estudo, garantir a confidencialidade dos dados, bem como averiguar a disponibilidade e interesse na sua participação. Após ser obtido o consentimento, foi entregue o questionário sociodemográfico (cf. Anexo G), seguido do ECR (cf. Anexo H), tendo-se instruído o participante a ler as indicações presentes e colocar qualquer dúvida ou questão que considerasse pertinente. Posteriormente, convidou-se o participante a realizar a tarefa de amplitude de operações, tendo esta sido apresentada por meio do programa PowerPoint num computador com sistema operativo Windows 7.

Na tarefa de amplitude de memória operatória foram criados três tipos de tarefas contendo diferentes categorias de palavras: emocionais, neutras e relacionadas com a vinculação (cf. Anexo I). Para cada tipo de palavra foram realizadas duas versões da mesma tarefa, variando apenas a ordem de apresentação das palavras. Assim, os participantes foram testados individualmente e designados aleatoriamente para o tipo de palavra e versão da tarefa.

Após ter sido atribuída uma versão da tarefa ao participante procedeu-se à sua realização, tendo-se iniciado com a leitura das instruções e a concretização de 3 ensaios de treino com a extensão de 1, 2 e 3 pares de operações e palavras. Nesta tarefa, o participante deveria ser capaz de recordar o maior número de palavras apresentadas e, simultaneamente, resolver mentalmente as operações aritméticas. No total foram efetuados 12 ensaios experimentais com 42 palavras a serem recordadas. No final de cada série apresentada surgia no centro do monitor o sinal “

No final da administração de todas as tarefas agradeceu-se a disponibilidade dos participantes, sendo reforçada a confidencialidade dos dados, bem como a disponibilidade da investigadora para qualquer esclarecimento adicional.

Após a fase da recolha de dados, procedeu-se à cotação da tarefa de amplitude de operações, tendo sido considerados três critérios de correção: a) critério estrito de Daneman e Carpenter (1980), sendo contabilizada a extensão mais elevada com pelo menos 2/3 de respostas corretas; b) critério 100%, sendo contabilizada a maior extensão onde todos os elementos foram recordados corretamente; e c) critério *Parcial de Resultados por Unidade* (PCU)<sup>3</sup>, tendo-se procedido da seguinte forma: 1) cotou-se com 1 ponto cada item de cada extensão corretamente recordado; 2) obteve-se o somatório de itens corretos de cada extensão e dividiu-se o resultado obtido pelo tamanho da extensão; 3) somou-se os 12 resultados obtidos e dividiu-se por 12 (Conway et al., 2005). Na apresentação dos resultados, como se verificou que todos os critérios mencionados estavam correlacionados (correlação mais baixa,  $r = .85$ ,  $p < .001$ ), optou-se por apresentar as análises obtidas com o critério PCU, uma vez que este tem por base a valorização do desempenho do sujeito. Deste modo, a cotação utilizada expressa a proporção média de itens corretamente recordados.

---

<sup>3</sup> Do inglês *Partial-credit unit scoring*

## IV. RESULTADOS

### 1. Apresentação dos Resultados

As análises estatísticas foram realizadas com recurso ao programa *SPSS Statistics* versão 24, tendo-se efetuado as análises que possibilitaram responder ao objetivo do estudo, bem como outras complementares. Deste modo, recorreu-se à estatística descritiva para obter as médias do desempenho da MO, procurando testar a existência de qualquer tipo de efeito da condição experimental, isto é, do tipo de estímulos administrados aos diferentes grupos de participantes. Para tal, recorreu-se à análise de variância entre-grupos com o intuito de analisar a existência de diferenças significativas entre as três condições experimentais relativamente ao desempenho dos participantes na tarefa de MO. Adicionalmente, procurou-se averiguar o efeito do evitamento no desempenho da MO, tendo-se analisado a possibilidade de existência de diferenças entre o grupo de participantes mais evitantes e o grupo de participantes menos evitantes. O mesmo procedimento foi utilizado relativamente à dimensão da ansiedade.

Considerando o facto da maioria das variáveis pretendidas para análise não apresentarem uma distribuição normal<sup>4</sup> e a dimensão da amostra ser reduzida (em alguns grupos comparados,  $N < 30$ ), optou-se pela utilização de testes não paramétricos.

#### 1.1. Análise descritiva do desempenho da MO

O quadro 2 apresenta o desempenho da MO de cada um dos grupos pertencentes às três condições experimentais de acordo com a média e desvio padrão obtidos.

Quadro 2. *Análise descritiva do desempenho da MO nas três condições experimentais*

Condição	Nº de Sujeitos	Média	Desvio Padrão
Experimental	( <i>N</i> )	( <i>M</i> )	( <i>DP</i> )
Emocional	60	0.89	0.09
Vinculação	60	0.81	0.11
Neutra	60	0.87	0.10

<sup>4</sup> Com vista à obtenção de uma distribuição normal foram tentadas várias transformações (e.g. logarítmica, raiz quadrada), no entanto nenhuma delas resultou numa distribuição normal.

## 1.2. Análise do desempenho da MO em função da condição experimental

A análise do desempenho da MO de acordo com a condição experimental realizou-se através do *Teste de Kruskal-Wallis* (alternativa não-paramétrica à *ANOVA uni-fatorial entre grupos*), com o intuito de verificar se o desempenho da MO dos participantes nas condições emocional, vinculação e neutra difere estatisticamente entre si. Os resultados demonstraram que existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos,  $H(2) = 20.23$ ,  $p < .001$ , revelando que os participantes da condição emocional apresentaram um melhor desempenho (*Ordem média*<sup>5</sup> = 109.10) do que os participantes da condição neutra (*Ordem média* = 95.25) e os participantes da condição de vinculação (*Ordem média* = 67.15). A figura 1 representa graficamente estes resultados.

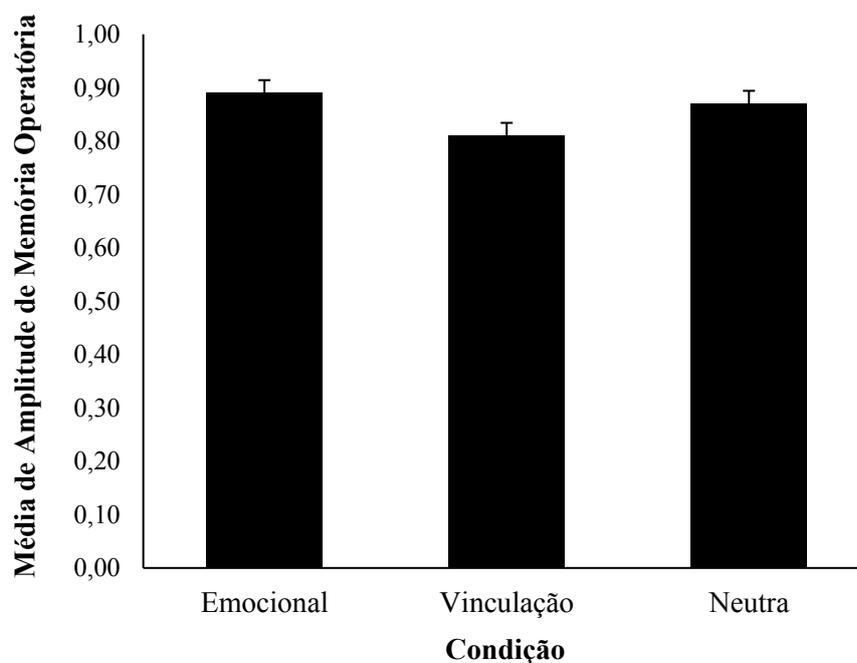


Figura 1. Média do desempenho da MO nas três condições experimentais.

---

<sup>5</sup> Do Inglês *Mean Rank*

### **1.3. Análise dos níveis de ansiedade e evitamento**

#### **1.3.1. Análise do nível de ansiedade em função da presença de um relacionamento amoroso**

A análise do nível de ansiedade em função da existência atual de um relacionamento amoroso foi realizada através de uma *ANOVA uni-fatorial entre grupos*, sendo assegurados os pressupostos da normalidade, através do teste de normalidade de *Kolmogorov-Smirnov*,  $D(180) = .051, ns$ , e homogeneidade de variâncias, através do teste de Levene,  $F(1, 178) = 1.84, ns$ . Os resultados demonstraram que existem diferenças significativas no nível de ansiedade entre os participantes que possuem um relacionamento amoroso e aqueles que não possuem este tipo de relacionamento,  $F(1, 178) = 12.47, p < .05$ . Os participantes que se encontram atualmente num relacionamento amoroso evidenciam um menor nível de ansiedade ( $M = 3.41; DP = .79$ ) do que os participantes que não possuem este tipo de relacionamento ( $M = 3.88; DP = .97$ ).

#### **1.3.2. Análise do nível de evitamento em função da presença de um relacionamento amoroso**

A análise do nível de evitamento em função da existência atual de um relacionamento amoroso foi realizada através do *Teste de Kruskal-Wallis*, uma vez que os pressupostos exigidos na utilização de testes paramétricos foram violados. Os resultados demonstraram que existem diferenças estatisticamente significativas no nível de evitamento entre os participantes que possuem um relacionamento amoroso e aqueles que não possuem este tipo de relacionamento,  $H(2) = 51.62, p < .001$ . Os participantes que se encontram atualmente num relacionamento amoroso evidenciam um menor nível de evitamento (*Ordem média* = 60.01) do que os participantes que não possuem este tipo de relacionamento (*Ordem média* = 116.02).

### **1.4. Análise da MO de acordo com o nível de evitamento**

#### **1.4.1. Participantes**

Dado não ser conhecida a existência de pontos de corte nas escalas do ECR (Brennan et al., 1998), os participantes foram classificados de acordo com o nível de evitamento (maior ou menor) através da utilização de dois critérios distintos. Assim, com vista a uma manipulação mais poderosa do nível de evitamento, numa primeira fase foram utilizados apenas os extremos, considerando-se como participantes menos evitantes

aqueles que se encontravam abaixo do percentil 25 da escala de evitamento ( $n = 44$ ) e mais evitantes aqueles que se encontravam acima do percentil 75 desta mesma escala ( $n = 46$ ). Posteriormente, optou-se por utilizar outra classificação, tendo-se considerado como menos evitantes os participantes que obtiveram um valor abaixo da mediana na escala de evitamento ( $n = 85$ ) e mais evitantes aqueles que obtiveram um valor acima da mediana nesta escala ( $n = 95$ ). Como ambas as classificações não evidenciaram diferenças significativas, optou-se por apresentar apenas uma das análises efetuadas, tendo-se selecionado aquela que permite a inclusão de um maior número de casos.

#### **1.4.2. Comparação do desempenho da MO em função do nível de evitamento nas três condições experimentais**

A análise da MO, entre o grupo de participantes mais evitantes e o grupo de participantes menos evitantes, foi realizada com o *Teste U de Mann-Whitney* (alternativa não-paramétrica ao *Teste t de student para amostras independentes*), de modo a analisar se estes dois grupos diferem significativamente entre si. Os resultados demonstram que não existem diferenças significativas entre os grupos para as três condições experimentais: emocional ( $U = 384, ns$ ), vinculação ( $U = 358, ns$ ) e neutra ( $U = 412, ns$ ).

#### **1.5. Análise da MO de acordo com o nível de ansiedade**

A classificação dos participantes em função do nível de ansiedade foi realizada através do mesmo procedimento utilizado para o evitamento, tendo-se dividido a amostra em dois grupos distintos: participantes mais ansiosos ( $n = 90$ ) e participantes menos ansiosos ( $n = 90$ ).

A análise da MO entre o grupo de participantes mais ansiosos e o grupo de participantes menos ansiosos foi realizada através do *Teste U de Mann-Whitney*, de modo a analisar se estes dois grupos diferem significativamente entre si. Os resultados demonstram que não existem diferenças significativas entre os grupos para as três condições experimentais: emocional ( $U = 389, ns$ ), vinculação ( $U = 408.5, ns$ ) e neutra ( $U = 360, ns$ ).

## V. DISCUSSÃO

O objetivo do presente estudo consistiu em averiguar a existência de prejuízos na memória de indivíduos mais evitantes através da avaliação da sua capacidade de MO. Considerando que o evitamento tem sido associado a estratégias cognitivas que limitam o processamento de informações relacionadas com a vinculação e prejudicam a sua recordação posterior (Bowlby, 1980; Dykas et al., 2014; Fraley et al., 1998; Main et al., 1985), foi explorada a existência de diferenças significativas em função do nível de evitamento e do tipo de estímulo apresentado aos participantes. Os resultados obtidos não apoiaram as previsões realizadas, indicando que o desempenho de MO para os diferentes tipos de estímulos não está associado com o nível de evitamento apresentado pelos participantes. De igual modo, comparando os participantes com maiores e menores níveis de evitamento, não foram encontradas diferenças significativas específicas na recordação de palavras relacionadas com a vinculação. Neste sentido, é possível infirmar as duas hipóteses de investigação formuladas previamente, considerando-se a não existência de diferenças na recordação de palavras nos indivíduos mais evitantes (Hipótese 1) e, conseqüentemente, a não existência de diferenças na recordação de palavras relacionadas com a vinculação entre indivíduos com maior e menor evitamento (Hipótese 2).

De um modo geral, os resultados revelaram que o evitamento não estava associado com o desempenho de MO em nenhuma das condições experimentais (emocional, neutra e vinculação). Estes resultados contrariam investigações anteriores efetuadas neste âmbito que mostram um decréscimo do desempenho de MO de indivíduos altamente evitantes para estímulos relacionados com a vinculação (Edelstein, 2006; Fraley et al., 2000; Fralley & Brumbaugh, 2007; Mikulincer & Orbach, 1995; Rholes et al., 2007; Dycas et al., 2014). Deste modo, a possibilidade dos indivíduos mais evitantes utilizarem estratégias defensivas, que limitam o acesso a informações relevantes para a vinculação (Fraley et al., 1998), parece não ser o suficiente para que se obtenha um desempenho de MO inferior para estímulos relacionados com a vinculação comparativamente a estímulos emocionais ou neutros.

Uma interpretação para os resultados obtidos consiste em admitir que o presente estudo foi realizado com amostras predominantemente seguras (com baixos níveis de ansiedade e evitamento). Deste modo, poder-se-á especular que as diferenças apenas se

revelem aquando da comparação de grupos com pontuações mais diferenciadas no nível de evitamento. Esta ideia é apoiada pelos resultados obtidos num estudo em que foi comparada uma amostra de pacientes com perturbações de ansiedade e uma amostra não clínica, sendo que nesta última não foram encontrados efeitos de interferência específicos de estímulos ameaçadores, positivos e neutros, como se havia encontrado na amostra clínica (Zeijlmans van Emmichoven et al., 2003). Assim, a realização do presente estudo com uma amostra clínica (indivíduos com altos níveis de evitamento) poderia produzir resultados mais concordantes com a associação prevista.

Esta investigação não replicou os efeitos encontrados no estudo de Edelstein (2006). Contudo, considere-se como dado importante o facto de se encontrarem diferenças evidentes entre a amostra utilizada no presente estudo e a amostra do estudo de Edelstein, nomeadamente no que respeita à sua dimensão, sexo e nacionalidade. Neste estudo participaram voluntariamente 180 indivíduos dos quais apenas 60 foram sujeitos à condição de vinculação. Dado não ser possível aleatorizar os sujeitos pelas três condições experimentais relativamente à orientação de vinculação (alto e baixo evitamento), o número de indivíduos com pontuações mais elevadas na escala de evitamento sujeitos à condição de vinculação foi ainda mais reduzido. Assim, dada a dimensão reduzida da amostra, os resultados obtidos devem ser interpretados com cautela, tornando-se melindrosa a sua generalização. No que se refere ao sexo dos participantes, verifica-se que a amostra do presente estudo se encontra mais desequilibrada a este nível comparativamente ao estudo de Edelstein (2006). Neste sentido, apesar do sexo não ter sido uma variável de interesse neste estudo, é possível admitir a existência de diferenças entre homens e mulheres nas variáveis analisadas, pelo que se deveria ter utilizado uma amostra mais homogénea. Ainda, relativamente à nacionalidade dos participantes, torna-se importante considerar a possível influência de questões culturais nas variáveis em estudo.

No que se refere aos resultados obtidos na análise do desempenho da MO em função do nível de ansiedade, estes revelaram que a ansiedade não se encontra relacionada com o desempenho da MO. Estes resultados apoiam estudos anteriores onde também não foi encontrada esta associação (Edelstein, 2006; Edelstein et al., 2005; Haggerty et al., 2010). Contudo, existem outros estudos que revelam a existência de uma relação entre a vinculação ansiosa e a memória (Dewitte et al., 2007; Kirsh & Cassidy, 1997; Mikulincer & Orbach, 1995), contribuindo para a existência de resultados inconsistentes. A justificar a evidência deste tipo de resultados encontram-se dois processos opostos. Por um lado, é

possível considerar-se que os indivíduos ansiosos são hipervigilantes a informações relacionadas com a vinculação, podendo, assim, evidenciar uma melhoria no desempenho de MO. Por outro lado, também se deverá considerar que os indivíduos ansiosos podem estar preocupados com as suas próprias reações emocionais aos estímulos relacionados com a vinculação ou absorvidos por outros pensamentos de distração, aspetos que culminam num decréscimo do desempenho de MO (Eysenck & Calvo, 1992; Mikulincer, Florian & Weller, 1993).

Embora se tenha considerado como objetivo primordial desta investigação averiguar a existência de prejuízos na memória de indivíduos mais evitantes, foram realizadas análises estatísticas complementares, tendo-se encontrado alguns resultados interessantes que serão discutidos de seguida. A este nível, considera-se a análise do efeito do tipo de condição no desempenho da MO. Os resultados revelaram a existência de diferenças significativas no desempenho de MO entre a condição emocional, neutra e de vinculação, indicando que as palavras emocionais foram melhor recordadas do que as palavras neutras e as palavras relacionadas com a vinculação. Estes resultados juntam-se às evidências existentes de que o conteúdo emocional é suscetível de contribuir para melhorias significativas na memória (Bradley et al., 1992; Holland & Kesinger, 2013). Estudos anteriores, comparando o desempenho de MO para estímulos neutros e estímulos emocionais, revelaram que os indivíduos recordam com maior detalhe palavras emocionais do que palavras neutras (Ferré, 2002; Kensinger & Corkin, 2003a). Estes resultados poderão ser justificados pelo facto de os indivíduos concentrarem a sua atenção em informações que provoquem uma excitação emocional mais elevada (Leclerc & Kensinger, 2008). Neste sentido, considerando os três tipos de estímulos utilizados no presente estudo, é possível levantar a hipótese de que estes variem entre si em termos de excitação emocional. Além disso, particularmente no que se refere às diferenças obtidas entre a recordação de palavras emocionais e palavras relacionadas com a vinculação, importa considerar que, apesar de se ter tentado que estas fossem homogéneas em termos de valência emocional, foram encontradas diferenças significativas a este nível. Ainda, um outro fator que poderá justificar a pior recordação das palavras relacionadas com a vinculação comparativamente aos restantes tipos de palavras, refere-se ao facto de as primeiras poderem ser consideradas menos atrativas pelos participantes. Zajonc (2001) sugeriu que um estímulo pode tornar-se atrativo para um indivíduo, após a sua exposição repetida, considerando que existe uma relação significativa entre a preferência do participante por uma palavra e a familiaridade que esta possui. Deste modo, coloca-se a

hipótese de que as palavras relacionadas com a vinculação possam ter sido consideradas como menos familiares e, por isso, menos atrativas do que as palavras emocionais e neutras, resultando um pior desempenho de MO para a condição de vinculação.

Uma outra análise complementar realizada neste estudo consistiu na verificação de possíveis influências da presença de um relacionamento amoroso no grau de ansiedade e evitamento obtidos pelos participantes através do ECR. Os resultados revelaram que os indivíduos que se encontram atualmente num relacionamento amoroso apresentam um menor grau de ansiedade e evitamento comparativamente a indivíduos que não possuem este relacionamento. Estes resultados são concordantes com estudos anteriores que sugerem que estar envolvido num relacionamento amoroso se associa a maiores níveis de segurança (Davila, Karney, & Bradbury, 1999; Edelstein & Gillath, 2008; Chopik, Edelstein, & Fraley, 2013). Contudo, a respeito da associação anterior, importa refletir acerca da sua direção questionando se é o envolvimento num relacionamento amoroso que promove uma vinculação mais segura ou, por outro lado, se os indivíduos como uma vinculação mais segura são mais propensos a estabelecer relações amorosas. Relativamente à segunda hipótese colocada, estudos revelam que indivíduos mais seguros experimentam um maior grau de comprometimento, bem como intimidade nos seus relacionamentos (Feeney & Noler, 1991; Simpson, 1990). Num estudo realizado por Schindler, Fagundes e Murdock (2010), verificou-se que indivíduos evitantes eram menos propensos a iniciar relacionamentos de namoro do que indivíduos seguros. Neste sentido, com vista a melhor clarificação e determinação da direção das conclusões retiradas acerca da relação entre a orientação de vinculação dos indivíduos e o seu envolvimento em relacionamentos amorosos, sugere-se a realização de estudos futuros que testem esta associação.

## VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou averiguar a existência de prejuízos na memória de indivíduos evitantes. Os resultados obtidos não apoiaram as investigações anteriores (Edelstein, 2006; Fraley et al., 2000; Fralley & Brumbaugh, 2007; Mikulincer & Orbach, 1995; Rholes et al., 2007; Dykas et al., 2014), demonstrando que o evitamento pode não estar associado com o desempenho de MO para estímulos relacionados com a vinculação. Neste sentido, não foi possível associar o uso de estratégias defensivas que limitam o acesso a informações relacionadas com a vinculação com o desempenho de MO em indivíduos mais evitantes.

De igual modo, os resultados obtidos revelaram que a ansiedade não está associada com o desempenho de MO para estímulos relacionados com a vinculação. Estes resultados são apoiados por estudos anteriores onde não foi encontrada esta associação (Edelstein, 2006; Edelstein et al., 2005; Haggerty et al., 2010). Contudo, dado a existência de outros estudos que apontam no sentido oposto (Dewitte et al., 2007; Kirsh & Cassidy, 1997; Mikulincer & Orbach, 1995), contribuindo para uma incongruência na literatura acerca desta temática, torna-se imperativo a realização de um maior número de estudos que testem os efeitos da vinculação ansiosa na memória.

Os resultados deste estudo revelaram ainda a existência de uma influência do conteúdo emocional na memória operatória, tendo-se verificado que os participantes apresentaram uma recordação superior para palavras emocionais comparativamente a palavras neutras e palavras relacionadas com a vinculação. Estes resultados assumem-se como detentores de alguma notoriedade, uma vez que embora existam evidências de que o conteúdo emocional pode melhorar a memória (Bradley et al., 1992; Holland & Kensinger, 2013), tem sido difícil encontrar influências sistemáticas do conteúdo emocional especificamente no desempenho da MO (e.g. Kensinger & Corkin, 2003a).

Na interpretação dos resultados obtidos neste estudo, é importante considerar que este conta com algumas limitações que poderão ter influenciado significativamente os resultados. Iniciando pela seleção da amostra, destaca-se a utilização de uma amostra não clínica, caracterizada pela presença de baixos níveis de ansiedade e evitamento, que poderá ter eliminado a existência dos efeitos esperados. Deste modo, a utilização de uma amostra clínica permitiria potenciar as comparações efetuadas entre os indivíduos mais evitantes e os indivíduos menos evitantes. Além disso, considera-se que a dimensão da

amostra de indivíduos evitantes sujeita à condição de vinculação é reduzida para as comparações efetuadas. Uma outra limitação refere-se ao facto de o controlo dos índices psicolinguísticos entre as palavras das diferentes condições experimentais ter falhado. A este respeito, verificou-se que as palavras não eram homogêneas em termos de concretude, familiaridade e valência emocional, pelo que se poderá ter criado tarefas com níveis de dificuldade distintos.

São necessários mais estudos capazes de identificar mediadores da relação entre a vinculação e a memória. Os défices na MO de indivíduos mais evitantes têm sido associados a estratégias defensivas que limitam a atenção para material relacionado com a vinculação (Fraley et al., 1998). Neste sentido, seria interessante que investigações futuras utilizassem medidas de atenção específicas, de forma a demonstrar com mais clareza a influência dos processos atencionais na memória. De igual modo, o campo beneficiaria de pesquisas adicionais acerca da existência de influências específicas da vinculação nos processos de codificação, armazenamento e recuperação. Ainda, dado que a investigação sugere que os estímulos com valência emocional negativa são melhor recordados que os estímulos de valência emocional positiva (Gaspar, 2011), seria interessante explorar em estudos futuros se existem diferenças no desempenho de MO de indivíduos evitantes em estímulos relacionados com a vinculação de valência emocional distinta. Adicionalmente, seria também interessante que investigações futuras testassem a existência de efeitos da vinculação ansiosa na memória, uma vez que a literatura existente revela resultados inconsistentes a este nível. Por fim, é importante que mais estudos sejam realizados neste âmbito, usando diferentes tarefas de MO e diferentes escalas que classifiquem a orientação de vinculação, de forma a melhorar a compreensão teórica da relação entre a vinculação e a memória.

## VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- Ainsworth, M., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, *46*(1), 331-341. doi:10.1037/0003-066X.46.4.333
- Alloway, T. P. (2006). How does working memory work in the classroom? *Educational Research and Reviews*, *1*(4), 134–139.
- Atkinson, R. C., & Shiffrin, R. M. (1968). Human memory: A proposed system and its control processes. In K. W. Spence & J. T. Spence (Eds.). *The psychology of learning and memory* (Vol. 2, pp. 90-195). New York: Academic Press.
- Baddeley, A. D. (1986). *Working memory*. Oxford: Clarendon Press.
- Baddeley, A. D. (1990). *Human memory: Theory and practice*. Hove: Lawrence Erlbaum Associates.
- Baddeley, A. D. (2000). The episodic buffer: A new component of working memory? *Trends in Cognitive Science*, *4*, 417-423. doi:10.1016/S1364-6613(00)01538-2
- Baddeley, A. D. (2002). Is working memory still working? *European Psychologist*, *7*(2), 85-97. doi:10.1027//1016-9040.7.2.85
- Baddeley, A. D. (2012). Working memory: Theories, models, and controversies. *Annual Review of Psychology*, *63*, 1-29. doi: 10.1146/annurev-psych-120710-100422
- Baddeley, A. D., Allen, R. J., & Hitch, G. (2011). Binding in visual working memory: the role of the episodic buffer. *Neuropsychologia*, *49*, 1393-1400. doi:10.1016/j.neuropsychologia.2010.12.042
- Baddeley, A. D., & Hitch, G. J. (1974). Working memory. In G. A. Bower (Eds.), *The psychology of learning and motivation: Advances in research and theory* (Vol. 8, pp. 47-89). New York: Academic Press.
- Barrett, L. F., Tugade, M. M., & Engle, R. W. (2004). Individual differences in working memory capacity and dual-process theories of the mind. *Psychological Bulletin*, *130*(4), 553–573. doi:10.1037/0033-2909.130.4.553
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, *7*(2), 147-178. doi:10.1177/0265407590072001

- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, *61*(2), 226-244. doi:10.1037/0022-3514.61.2.226
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss, Vol. 1: Attachment*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss, Vol. 2: Separation*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss, Vol. 3: Loss sadness and depression*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss, Vol. 1: Attachment* (2<sup>a</sup> ed.). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Clinical applications of attachment theory*. London: Routledge.
- Bradley, M. M., Greenwald, M. K., Petry, M. C., & Lang, P. J. (1992). Remembering pictures: Pleasure and arousal in memory. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, *18*(2), 379-390. doi:10.1037/0278-7393.18.2.379
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult romantic attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46–76). New York, NY: Guilford.
- Bretherton, I. (1990). Communication patterns, internal working models, and the intergenerational transmission of attachment relationships. *Infant Mental Health Journal*, *11*(3), 237-252. doi:10.1002/1097-0355(199023)11:3<237::AID-IMHJ2280110306>3.0.CO;2-X
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, *28*(5), 759-775. doi:10.1037/0012-1649.28.5.759
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (1999). Internal working models in attachment relationships: A construct revisited. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 89–111). New York, NY: Guilford Press.
- Campos, T., Barroso, M., & Menezes, A. (2010). Encoding, storage and retrieval processes of the memory and the implications for motor practice in stroke patients. *NeuroRehabilitation*, *26*, 135–142. doi:10.3233/NRE-2010-0545

- Cassidy, J. (2000). Adult romantic attachments: A developmental perspective on individual differences. *Review of General Psychology*, 4(2), 111–131. doi:10.1037/1089-2680.4.2.111
- Chopik, W. J., Edelstein, R. S., & Fraley, R. C. (2013). From the cradle to the grave: Age differences in attachment from early adulthood to old age. *Journal of Personality*, 81(2), 171-183. doi:10.1111/j.1467-6494.2012.00793.x
- Cobb, R. J., & Davila, J. (2009). Internal Working Models and Change. In J. H. Obegi & E. Berant (Eds.), *Attachment theory and research in clinical work with adults* (pp. 209-233). New York London: The Guilford Press.
- Collins, N. L., Guichard, A. C., Ford, M. B., & Feeney, B. C. (2004). Working models of attachment: new developments and emerging themes. In W. S. Rholes & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research and clinical implications*. New York: The Guildford Press.
- Conway, A. R. A., Kane, M. J., Bunting, M. F., Hambrick, D. Z., Wilhelm, O., & Engle, R. W. (2005). Working memory span tasks: A methodological review and user's guide. *Psychonomic Bulletin & Review*, 12(5), 769–786. doi:10.3758/BF03196772
- Costello, P. C. (2013). *Attachment-based psychotherapy: Helping patients develop adaptative capacities*. Washington: American Psychological Association.
- Daneman, M., & Carpenter, P. A. (1980). Individual differences in working memory and reading. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 19, 450-466. doi:10.1016/S0022-5371(80)90312-6
- Davila, J., Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (1999). Attachment change processes in the early years of marriage. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(5), 783-802. doi: 10.1037/0022-3514.76.5.783
- Dewitte, M., Koster, E., De Houwer, J., & Buysse, A. (2007). Attentive processing of threat and adult attachment: A dot-probe study. *Behaviour Research and Therapy*, 45, 1307–1317. doi:10.1016/j.brat.2006.11.004
- Dykas, M. J., & Cassidy, J. (2011). Attachment and the Processing of Social Information Across the Life Span: Theory and Evidence. *Psychological Bulletin*, 137(1), 19–46. doi:10.1037/a0021367
- Dykas, M. J., Woodhouse, S. S., Jones, J. D., & Cassidy, J. (2014). Attachment-Related Biases in Adolescents' Memory. *Child Development*, 85(6), 2185–2201. doi:10.1111/cdev.12268

- Edelstein, R. S. (2006). Attachment and emotional memory: Investigating the source and extent of avoidant memory impairments. *Emotion, 6*(2), 340–345. doi:10.1037/1528-3542.6.2.340
- Edelstein, R. S., Ghetti, S., Quas, J. A., Goodman, G. S., Alexander, K. W., Redlich, A. D., & Cordon, I. M. (2005). Individual differences in emotional memory: Adult attachment and long-term memory for child sexual abuse. *Personality and Social Psychology Bulletin, 31*(11), 1537–1548. doi:10.1177/0146167205277095
- Edelstein, R. S., & Gillath, O. (2008). Avoiding interference: Adult attachment and emotional processing biases. *Personality and Social Psychology Bulletin, 34*, 171–181. doi:10.1177/0146167207310024
- Engle, R. W. (2002). Working memory capacity as executive attention. *Current Directions in Psychological Science, 11*(1), 19–23. doi:10.1111/1467-8721.00160
- Eysenck, M. W., & Calvo, M. G. (1992). Anxiety and performance: The processing efficiency theory. *Cognition and Emotion, 6*, 409–434. doi:10.1080/02699939208409696
- Feeney, J. A., & Noller, P. (1991). Attachment style and verbal descriptions of romantic partners. *Journal of Social and Personal Relationships, 8*(2), 187–215. doi:10.1177/0265407591082003
- Ferré, P. (2002). Advantage for emotional words in immediate and delayed memory tasks: Could it be explained in terms of processing capacity? *The Spanish Journal of Psychology, 5*(2), 78–89. doi:10.1017/S1138741600005850
- Fraley, R. C., & Brumbaugh, C. (2007). Adult attachment and preemptive defenses: Converging evidence on the role of defensive exclusion at the level of encoding. *Journal of Personality, 75*(5), 1033–1050. doi:10.1111/j.1467-6494.2007.00465.x
- Fraley, R. C., Davis, K. E., & Shaver, P. R. (1998). Dismissing-avoidance and the defensive organization of emotion, cognition, and behavior. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 249–279). New York, NY: Guilford Press.
- Fraley, R. C., Garner, J. P., & Shaver, P. R. (2000). Adult attachment and the defensive regulation of attention and memory: Examining the role of preemptive and postemptive defensive processes. *Journal of Personal and Social Psychology, 79*, 816–826. doi:10.1037/0022-3514.79.5.816
- Fraley, R. C., Hudson, N. W., Heffernan, M. E., & Segal, N. (2015). Are adult attachment styles categorical or dimensional? A taxometric analysis of general and

- relationship-specific attachment orientations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 109(2), 356-368. doi: 10.1037/pspp0000027
- Fraley, R. C., & Waller, N. G. (1998). Adult attachment patterns: A test of the typological model. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 77-114). New York: Guilford Press.
- Garcia-Marques, T. (2003). Avaliação da familiaridade e valência de palavras concretas e abstratas em língua portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 1(1), 21-44.
- Gaspar, N. S. (2009). Avaliação da valência e familiaridade de 270 nomes comuns e adjetivos da língua portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 7(1), 3-19.
- Gaspar, N. S. (2011). *Memória operatória e afecto: Efeitos do estado emocional e da valência de palavras na evocação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ FCT.
- Gentzler, A. L., & Kerns, K. A. (2006). Adult attachment and memory of emotional reactions to negative and positive events. *Cognition and Emotion*, 20(1), 20-42. doi:10.1080/02699930500200407
- Haggerty, G. D., Siefert, C. J., & Weinberger, J. (2010). Examining the relationship between current attachment status and freely recalled autobiographical memories of childhood. *Psychoanalytic Psychology*, 27(1), 27-41. doi:10.1037/a0018638
- Halpern, D. F. (2003). Memory: The Acquisition, Retention, and Retrieval of Knowledge. In P. R. Abreu (Eds.), *Thought & knowledge: An introduction to critical thinking*. (pp. 39-86). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc. Publishers.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524. doi:10.1037/0022-3514.52.3.511
- Holland, A. C., & Kensinger, E. A. (2013). Emotion in episodic memory: The effects of emotional content, emotional state, and motivational goals. In J. Armony & P. Vuilleumier (Eds.), *The Cambridge handbook of human affective neuroscience* (pp. 465-488). New York, NY: Cambridge University Press.
- Kane, M. J., & Engle, R. W. (2003). Working-memory capacity and the control of attention: The contributions of goal neglect, response competition, and task set to Stroop interference. *Journal of Experimental Psychology: General*, 132(1), 47-70. doi:10.1037/0096-3445.132.1.47
- Kensinger, E. A., & Corkin, S. (2003a). Memory enhancement for emotional words: Are emotional words more vividly remembered than neutral words? *Memory & Cognition*, 31(8), 1169-1180. doi:10.3758/BF03195800

- Kirsh, S. J., & Cassidy, J. (1997). Preschoolers' attention to and memory for attachment-relevant information. *Child Development*, *68*, 1143–1153. doi:10.2307/1132297
- Leclerc, C. M., & Kensinger, E. A. (2008). Effects of Age on Detection of Emotional Information. *Psychology and Aging*, *23*(1), 209-215. doi:10.1037/0882-7974.23.1.209
- Linden, M. V. D., Bredart, S., & Beerten, A. (1994). Age-related differences in updating working memory. *Journal Psychology*, *85*, 145-151. doi:10.1016/j.jecp.2016.02.009
- Logie, R. H. (1995). *Visuo-spatial working memory*. Hove: Lawrence Erlbaum Associates.
- Ma, W. J., Husain, M., & Bays, P. M. (2014). Changing concepts of working memory. *Nature Neuroscience*, *17*(3), 347-356. doi:10.1038/nn.3655
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: a move to the level of representation. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, *5*(1/2), 66-104. doi:10.2307/3333827
- Matos, P. M. (2003). O conflito à luz da teoria da vinculação. In M. E. Costa (Coord.), *Gestão de conflitos na escola* (pp.143-191). Lisboa: Universidade Aberta.
- Mikulincer, M., Florian, V., & Weller, A. (1993). Attachment styles, coping strategies, and posttraumatic psychological distress: The impact of the Gulf War in Israel. *Journal of Personality and Social Psychology*, *64*(5), 817-826. doi:10.1037//0022-3514.64.5.817
- Mikulincer, M., & Orbach, I. (1995). Attachment styles and repressive defensiveness: The accessibility and architecture of affective memories. *Journal of Personality and Social Psychology*, *68*(5), 917–925. doi:10.1037/0022-3514.68.5.917
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). *Attachment in adulthood: structure, dynamics and change*. New York: The Guilford Press.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2008). An Attachment Perspective on Bereavement. In M. S., Stroebe, R. O. Hanson, H. H. Schut, & W. Stroebe (Eds.), *Handbook of Bereavement Research and Practice: Advances in Theory and Intervention*. American Psychological Association.
- Miller, G. A., Galanter, E., & Pribram, K. H. (1960). *Plans and the structure of behavior*. New York: Holt Rinehart & Winston.

- Oberauer, K., Farrell, S., Jarrold, C., & Lewandowsky, S. (2016). What Limits Working Memory Capacity? *Psychological Bulletin*, 142(7), 758-799. doi:10.1037/bul0000046
- Paiva, C. A., & Figueiredo, B. (2010). Study of validation of the Portuguese version of the inventory «Experiences in Close Relationships». Universidade do Minho: Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Pietromonaco, P. R., & Barret, L. F. (2000). The internal working models concept: What do we really know about the self in relation to others? *Review of General Psychology*, 4(2), 155-175. doi:10.1037//1089-2680.4.2.155
- Pietromonaco, P. R., & Beck, L. A. (2015). Attachment processes in adult romantic relationships. In M. Mikulincer, P. R. Shaver, J. A. Simpson & J. F. Dovidio (Eds.), *APA handbook of personality and social psychology, Volume 3: Interpersonal relations*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Pinto, A. C. (1997). *Cognição, aprendizagem e memória*. Porto: Edição do autor.
- Pinto, A. C. (2003). Memória a curto prazo e memória operatória: Provas e correlações com outras tarefas cognitivas. *Psicologia, Educação e Cultura*, 7(2), 359-374.
- Pinto, A. C. (2011). *Psicologia da Aprendizagem e Memória*. Porto: Livpsic.
- Quas, J. A., & Fivush, R. (2009). *Emotion and memory in development: Biological, cognitive, and social considerations*. New York: Oxford University Press.
- Rholes, W. S., Simpson, J. A., Tran, S., Martin III, A. M., & Friedman, M. (2007). Attachment and information seeking in romantic relationships. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 33(3), 422-438. doi:10.1177/0146167206296302
- Schindler, I., Fagundes, C. P., & Murdock, K. W. (2010). Predictors of romantic relationship formation: Attachment style, prior relationships, and dating goals. *Personal Relationships*, 17(1), 97-105. doi: 10.1111/j.1475-6811.2010.01255.x
- Simpson, J. A. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(5), 971-980. doi: 10.1037/0022-3514.59.5.971
- Sutin, A. R., & Gillath, O. (2009). Autobiographical memory phenomenology and content mediate attachment style and psychological distress. *Journal of Counseling Psychology*, 56(3), 351-364. doi:10.1037/a0014917
- Sroufe, L. A., & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child Development*, 48(4), 1184-1199. doi:10.2307/1128475

- Turner, M. L., & Engle, R. W. (1989). Is Working Memory Capacity Task Dependent? *Journal of Memory and Language*, *28*, 127-154. doi:10.1016/0749-596X(89)90040-5
- Unsworth, N., Fukuda, K., Awh, E., & Vogel, E. K. (2014). Working memory and fluid intelligence: Capacity, attention control, and secondary memory retrieval. *Cognitive Psychology*, *71*, 1–26. doi:10.1016/j.cogpsych.2014.01.003
- Zajonc, R. B. (2001). Mere exposure: A gateway to the subliminal. *Current Directions in Psychological Science*, *10*, 224-228. doi:10.1111/1467-8721.00154
- Zeijlmans van Emmichoven, I. A., Van Ijzendoorn, M. H., De Ruiter, C., & Brosschot, J. F. (2003). Selective processing of threatening information: Effects of attachment representation and anxiety disorder on attention and memory. *Development and Psychopathology*, *15*, 219–237. doi:10.1017/S0954579403000129

## **VIII. ANEXOS**

**Anexo A-** Questionário de classificação de palavras relacionadas com a vinculação

**Questionário de classificação de palavras relacionadas com a vinculação**

**Idade:** \_\_\_\_ anos

**Género:**

Masculino       Feminino

**Nacionalidade:** \_\_\_\_\_

**Ano em que começou a ter interesse pela área da vinculação** \_\_\_\_\_

**Instituição de trabalho** \_\_\_\_\_

**Instruções:** Por favor leia atentamente cada uma das seguintes palavras e avalie o quão relacionada com a vinculação considera ser cada uma delas. Classifique-as, assinalando um círculo em torno do número que melhor traduz a sua opinião, numa escala definida de 1 (pouco relacionada com a vinculação) a 5 (muito relacionada com a vinculação).

	Pouco relacionada com a vinculação			Muito relacionada com a vinculação	
	1	2	3	4	5
Separação	1	2	3	4	5
Repulsa	1	2	3	4	5
Toque	1	2	3	4	5
Proximidade	1	2	3	4	5
Fuga	1	2	3	4	5
Solidão	1	2	3	4	5
Intimidade	1	2	3	4	5
Dependência	1	2	3	4	5
Amor	1	2	3	4	5
Sufrimento	1	2	3	4	5
Conflito	1	2	3	4	5
Desinteresse	1	2	3	4	5
Casamento	1	2	3	4	5
Apego	1	2	3	4	5
Abandono	1	2	3	4	5
Cuidar	1	2	3	4	5

Negligência	1	2	3	4	5
Medo	1	2	3	4	5
Simpatia	1	2	3	4	5
Evitamento	1	2	3	4	5
Afeto	1	2	3	4	5
União	1	2	3	4	5
Interação	1	2	3	4	5
Conexão	1	2	3	4	5
Refúgio	1	2	3	4	5
Familiaridade	1	2	3	4	5
Sensível	1	2	3	4	5
Contacto	1	2	3	4	5
Ternura	1	2	3	4	5
Troca	1	2	3	4	5
Privação	1	2	3	4	5
Meigo	1	2	3	4	5
Exploração	1	2	3	4	5
Traição	1	2	3	4	5
Preocupação	1	2	3	4	5
Junção	1	2	3	4	5
Amoroso	1	2	3	4	5
Controlo	1	2	3	4	5
Rejeição	1	2	3	4	5
Defesa	1	2	3	4	5
Punição	1	2	3	4	5
Necessidade	1	2	3	4	5
Ansiedade	1	2	3	4	5
Perda	1	2	3	4	5
Interdependência	1	2	3	4	5
Stress	1	2	3	4	5
Seguro	1	2	3	4	5
Saudade	1	2	3	4	5
Disponibilidade	1	2	3	4	5
Pânico	1	2	3	4	5
Distanciamento	1	2	3	4	5
Responsividade	1	2	3	4	5
Solidariedade	1	2	3	4	5
Confiança	1	2	3	4	5
Aflição	1	2	3	4	5
Desprezo	1	2	3	4	5
Emoção	1	2	3	4	5
Companheirismo	1	2	3	4	5
Atração	1	2	3	4	5
Insegurança	1	2	3	4	5
Ciúme	1	2	3	4	5

Divórcio	1	2	3	4	5
Fusão	1	2	3	4	5
Carinho	1	2	3	4	5
Carência	1	2	3	4	5
Investimento	1	2	3	4	5
Inconsistência	1	2	3	4	5
Desconforto	1	2	3	4	5
Rutura	1	2	3	4	5
Simetria	1	2	3	4	5
Abraço	1	2	3	4	5
Reciprocidade	1	2	3	4	5
Afeição	1	2	3	4	5
Perigo	1	2	3	4	5
Partilha	1	2	3	4	5
Ambivalência	1	2	3	4	5
Negação	1	2	3	4	5
Ameaça	1	2	3	4	5
Ligação	1	2	3	4	5
Amparo	1	2	3	4	5
Segurança	1	2	3	4	5
Afastamento	1	2	3	4	5
Isolamento	1	2	3	4	5
Cumplicidade	1	2	3	4	5
Apoio	1	2	3	4	5
Compaixão	1	2	3	4	5
Empatia	1	2	3	4	5
Afinidade	1	2	3	4	5
Angústia	1	2	3	4	5
Paixão	1	2	3	4	5
Amizade	1	2	3	4	5
Proteção	1	2	3	4	5
Receio	1	2	3	4	5
Namoro	1	2	3	4	5
Relação	1	2	3	4	5
Mimo	1	2	3	4	5
Luto	1	2	3	4	5
Fraternidade	1	2	3	4	5
Conforto	1	2	3	4	5
Mutualidade	1	2	3	4	5

**Obrigada pela sua colaboração!**

**Anexo B** – Questionário de classificação de palavras: concreteza-abstração

## Questionário de classificação de palavras: concretiza-abstração

**Idade:** \_\_\_ anos

**Sexo:**

Masculino       Feminino

**Nacionalidade:** \_\_\_\_\_

**Curso:** \_\_\_\_\_

**Instruções:** Por favor leia atentamente cada uma das seguintes palavras e avalie o quão concreta considera ser cada uma delas. Classifique-as, assinalando um círculo em torno do número que melhor traduz a sua opinião, numa escala definida por 1 (pouco concreto) a 7 (muito concreto).

Procure dar o seu melhor na realização desta tarefa!

	Pouco concreto					Muito concreto	
	1	2	3	4	5	6	7
Morte	1	2	3	4	5	6	7
Pedagogia	1	2	3	4	5	6	7
Dívida	1	2	3	4	5	6	7
Arrogante	1	2	3	4	5	6	7
Gratidão	1	2	3	4	5	6	7
Liberdade	1	2	3	4	5	6	7
Reflexão	1	2	3	4	5	6	7
Conforto	1	2	3	4	5	6	7
Ambivalência	1	2	3	4	5	6	7
Brilhante	1	2	3	4	5	6	7
Abandono	1	2	3	4	5	6	7
Necessidade	1	2	3	4	5	6	7
Formação	1	2	3	4	5	6	7
Rejeição	1	2	3	4	5	6	7
Cultura	1	2	3	4	5	6	7
Separação	1	2	3	4	5	6	7
Ansiedade	1	2	3	4	5	6	7
Afeto	1	2	3	4	5	6	7

Paraíso	1	2	3	4	5	6	7
Rancor	1	2	3	4	5	6	7
Inconsistência	1	2	3	4	5	6	7
Sensível	1	2	3	4	5	6	7
Serviço	1	2	3	4	5	6	7
Sonho	1	2	3	4	5	6	7
Homicídio	1	2	3	4	5	6	7
Graduação	1	2	3	4	5	6	7
Negligência	1	2	3	4	5	6	7
Doce	1	2	3	4	5	6	7
Treino	1	2	3	4	5	6	7
Gênio	1	2	3	4	5	6	7
Agressivo	1	2	3	4	5	6	7
Teoria	1	2	3	4	5	6	7
Verdade	1	2	3	4	5	6	7
Infeção	1	2	3	4	5	6	7
Relação	1	2	3	4	5	6	7
Tortura	1	2	3	4	5	6	7
Aprendizagem	1	2	3	4	5	6	7
Explicação	1	2	3	4	5	6	7
Desempenho	1	2	3	4	5	6	7
Preocupação	1	2	3	4	5	6	7
Lindo	1	2	3	4	5	6	7
Pensamento	1	2	3	4	5	6	7
Horror	1	2	3	4	5	6	7
Apego	1	2	3	4	5	6	7
Cuidar	1	2	3	4	5	6	7
Ministério	1	2	3	4	5	6	7
Currículo	1	2	3	4	5	6	7
Leitura	1	2	3	4	5	6	7
Zanga	1	2	3	4	5	6	7
Aula	1	2	3	4	5	6	7
Humor	1	2	3	4	5	6	7
Desonesto	1	2	3	4	5	6	7
Disponibilidade	1	2	3	4	5	6	7
Mestre	1	2	3	4	5	6	7
Perda	1	2	3	4	5	6	7
Proteção	1	2	3	4	5	6	7
Direção	1	2	3	4	5	6	7
Lazer	1	2	3	4	5	6	7
Recreio	1	2	3	4	5	6	7
Ligação	1	2	3	4	5	6	7
Regras	1	2	3	4	5	6	7
Seguro	1	2	3	4	5	6	7
Aluno	1	2	3	4	5	6	7
Toque	1	2	3	4	5	6	7
Crime	1	2	3	4	5	6	7
Evitamento	1	2	3	4	5	6	7

Sujo	1	2	3	4	5	6	7
Palestra	1	2	3	4	5	6	7
Refúgio	1	2	3	4	5	6	7
Instituição	1	2	3	4	5	6	7
Ensino	1	2	3	4	5	6	7
Processo	1	2	3	4	5	6	7
Mágico	1	2	3	4	5	6	7
Nojo	1	2	3	4	5	6	7
Curso	1	2	3	4	5	6	7
Puro	1	2	3	4	5	6	7
Futuro	1	2	3	4	5	6	7
Fofo	1	2	3	4	5	6	7
Exploração	1	2	3	4	5	6	7
Virtude	1	2	3	4	5	6	7
Pesquisa	1	2	3	4	5	6	7
Dependência	1	2	3	4	5	6	7
Segurança	1	2	3	4	5	6	7
Educação	1	2	3	4	5	6	7
Integração	1	2	3	4	5	6	7
Confiança	1	2	3	4	5	6	7
Professor	1	2	3	4	5	6	7
Trauma	1	2	3	4	5	6	7
Proximidade	1	2	3	4	5	6	7
Amor	1	2	3	4	5	6	7
Apoio	1	2	3	4	5	6	7
Interdependência	1	2	3	4	5	6	7
Fraude	1	2	3	4	5	6	7
Grupo	1	2	3	4	5	6	7
Brisa	1	2	3	4	5	6	7
Educativo	1	2	3	4	5	6	7
Partilha	1	2	3	4	5	6	7
Responsividade	1	2	3	4	5	6	7
Participação	1	2	3	4	5	6	7
Instrução	1	2	3	4	5	6	7
Intimidade	1	2	3	4	5	6	7
Feliz	1	2	3	4	5	6	7
Reciprocidade	1	2	3	4	5	6	7
Insegurança	1	2	3	4	5	6	7
Multa	1	2	3	4	5	6	7
Guerra	1	2	3	4	5	6	7
Fixe	1	2	3	4	5	6	7
Investigação	1	2	3	4	5	6	7
Afeição	1	2	3	4	5	6	7
Mentor	1	2	3	4	5	6	7
Vocabulário	1	2	3	4	5	6	7
Conquista	1	2	3	4	5	6	7
Faculdade	1	2	3	4	5	6	7
Belo	1	2	3	4	5	6	7

Luto	1	2	3	4	5	6	7
Investimento	1	2	3	4	5	6	7
Riso	1	2	3	4	5	6	7
Defesa	1	2	3	4	5	6	7
Lucro	1	2	3	4	5	6	7
Atividades	1	2	3	4	5	6	7
Catástrofe	1	2	3	4	5	6	7
Mutualidade	1	2	3	4	5	6	7
Fantasia	1	2	3	4	5	6	7
Regência	1	2	3	4	5	6	7
Academia	1	2	3	4	5	6	7
Medo	1	2	3	4	5	6	7

**Obrigada pela sua colaboração!**

**Anexo C** – Questionário de classificação de palavras: valência emocional

### Questionário de classificação de palavras: valência emocional

**Idade:** \_\_\_ anos

**Sexo:**

Masculino       Feminino

**Nacionalidade:** \_\_\_\_\_

**Curso:** \_\_\_\_\_

**Instruções:** Por favor leia atentamente cada uma das seguintes palavras e avalie o quão positiva ou negativa considera ser cada uma delas. Classifique-as, assinalando um circulo em torno do número que melhor traduz a sua opinião, numa escala definida por 1 (negativo) a 7 (positivo).

Procure dar o seu melhor na realização desta tarefa!

	Negativo						Positivo
	1	2	3	4	5	6	7
Mágico	1	2	3	4	5	6	7
Desempenho	1	2	3	4	5	6	7
Professor	1	2	3	4	5	6	7
Futuro	1	2	3	4	5	6	7
Humor	1	2	3	4	5	6	7
Brisa	1	2	3	4	5	6	7
Dependência	1	2	3	4	5	6	7
Fixe	1	2	3	4	5	6	7
Leitura	1	2	3	4	5	6	7
Graduação	1	2	3	4	5	6	7
Ligação	1	2	3	4	5	6	7
Pedagogia	1	2	3	4	5	6	7
Ambivalência	1	2	3	4	5	6	7
Ansiedade	1	2	3	4	5	6	7
Evitamento	1	2	3	4	5	6	7
Homicídio	1	2	3	4	5	6	7
Proximidade	1	2	3	4	5	6	7

Negligência	1	2	3	4	5	6	7
Paraíso	1	2	3	4	5	6	7
Direção	1	2	3	4	5	6	7
Formação	1	2	3	4	5	6	7
Cuidar	1	2	3	4	5	6	7
Cultura	1	2	3	4	5	6	7
Serviço	1	2	3	4	5	6	7
Integração	1	2	3	4	5	6	7
Responsividade	1	2	3	4	5	6	7
Desonesto	1	2	3	4	5	6	7
Crime	1	2	3	4	5	6	7
Ministério	1	2	3	4	5	6	7
Grupo	1	2	3	4	5	6	7
Inconsistência	1	2	3	4	5	6	7
Ensino	1	2	3	4	5	6	7
Agressivo	1	2	3	4	5	6	7
Instrução	1	2	3	4	5	6	7
Curso	1	2	3	4	5	6	7
Reflexão	1	2	3	4	5	6	7
Mestre	1	2	3	4	5	6	7
Preocupação	1	2	3	4	5	6	7
Arrogante	1	2	3	4	5	6	7
Fofo	1	2	3	4	5	6	7
Currículo	1	2	3	4	5	6	7
Aula	1	2	3	4	5	6	7
Trauma	1	2	3	4	5	6	7
Exploração	1	2	3	4	5	6	7
Disponibilidade	1	2	3	4	5	6	7
Lazer	1	2	3	4	5	6	7
Feliz	1	2	3	4	5	6	7
Explicação	1	2	3	4	5	6	7
Infeção	1	2	3	4	5	6	7
Amor	1	2	3	4	5	6	7
Apego	1	2	3	4	5	6	7
Horror	1	2	3	4	5	6	7
Teoria	1	2	3	4	5	6	7
Rejeição	1	2	3	4	5	6	7
Sensível	1	2	3	4	5	6	7
Seguro	1	2	3	4	5	6	7
Nojo	1	2	3	4	5	6	7
Virtude	1	2	3	4	5	6	7
Liberdade	1	2	3	4	5	6	7
Gratidão	1	2	3	4	5	6	7
Sujo	1	2	3	4	5	6	7
Proteção	1	2	3	4	5	6	7

Instituição	1	2	3	4	5	6	7
Conforto	1	2	3	4	5	6	7
Separação	1	2	3	4	5	6	7
Dívida	1	2	3	4	5	6	7
Multa	1	2	3	4	5	6	7
Segurança	1	2	3	4	5	6	7
Tortura	1	2	3	4	5	6	7
Regras	1	2	3	4	5	6	7
Intimidade	1	2	3	4	5	6	7
Interdependência	1	2	3	4	5	6	7
Educação	1	2	3	4	5	6	7
Apoio	1	2	3	4	5	6	7
Brilhante	1	2	3	4	5	6	7
Puro	1	2	3	4	5	6	7
Processo	1	2	3	4	5	6	7
Morte	1	2	3	4	5	6	7
Pesquisa	1	2	3	4	5	6	7
Refúgio	1	2	3	4	5	6	7
Treino	1	2	3	4	5	6	7
Abandono	1	2	3	4	5	6	7
Confiança	1	2	3	4	5	6	7
Educativo	1	2	3	4	5	6	7
Fraude	1	2	3	4	5	6	7
Necessidade	1	2	3	4	5	6	7
Participação	1	2	3	4	5	6	7
Relação	1	2	3	4	5	6	7
Investigação	1	2	3	4	5	6	7
Doce	1	2	3	4	5	6	7
Recreio	1	2	3	4	5	6	7
Pensamento	1	2	3	4	5	6	7
Toque	1	2	3	4	5	6	7
Rancor	1	2	3	4	5	6	7
Aluno	1	2	3	4	5	6	7
Lindo	1	2	3	4	5	6	7
Verdade	1	2	3	4	5	6	7
Sonho	1	2	3	4	5	6	7
Afeto	1	2	3	4	5	6	7
Insegurança	1	2	3	4	5	6	7
Perda	1	2	3	4	5	6	7
Reciprocidade	1	2	3	4	5	6	7
Aprendizagem	1	2	3	4	5	6	7
Zanga	1	2	3	4	5	6	7
Partilha	1	2	3	4	5	6	7
Gênio	1	2	3	4	5	6	7
Guerra	1	2	3	4	5	6	7

Palestra	1	2	3	4	5	6	7
Afeição	1	2	3	4	5	6	7
Mentor	1	2	3	4	5	6	7
Vocabulário	1	2	3	4	5	6	7
Conquista	1	2	3	4	5	6	7
Faculdade	1	2	3	4	5	6	7
Belo	1	2	3	4	5	6	7
Luto	1	2	3	4	5	6	7
Investimento	1	2	3	4	5	6	7
Riso	1	2	3	4	5	6	7
Defesa	1	2	3	4	5	6	7
Lucro	1	2	3	4	5	6	7
Atividades	1	2	3	4	5	6	7
Catástrofe	1	2	3	4	5	6	7
Mutualidade	1	2	3	4	5	6	7
Fantasia	1	2	3	4	5	6	7
Regência	1	2	3	4	5	6	7
Academia	1	2	3	4	5	6	7
Medo	1	2	3	4	5	6	7

Obrigada pela colaboração!

**Anexo D** – Questionário de classificação de palavras: familiaridade

### Questionário de classificação de palavras: familiaridade

**Idade:** \_\_\_ anos

**Sexo:**

Masculino       Feminino

**Nacionalidade:** \_\_\_\_\_

**Curso:** \_\_\_\_\_

**Instruções:** Por favor leia atentamente cada uma das seguintes palavras e avalie o quão concreta considera ser cada uma delas. Classifique-as, assinalando um círculo em torno do número que melhor traduz a sua opinião, numa escala definida por 1 (pouco familiar) a 7 (muito familiar).

Procure dar o seu melhor na realização desta tarefa!

	Pouco familiar				Muito familiar		
	1	2	3	4	5	6	7
Morte	1	2	3	4	5	6	7
Pedagogia	1	2	3	4	5	6	7
Dívida	1	2	3	4	5	6	7
Arrogante	1	2	3	4	5	6	7
Gratidão	1	2	3	4	5	6	7
Liberdade	1	2	3	4	5	6	7
Reflexão	1	2	3	4	5	6	7
Conforto	1	2	3	4	5	6	7
Ambivalência	1	2	3	4	5	6	7
Brilhante	1	2	3	4	5	6	7
Abandono	1	2	3	4	5	6	7
Necessidade	1	2	3	4	5	6	7
Formação	1	2	3	4	5	6	7
Rejeição	1	2	3	4	5	6	7
Cultura	1	2	3	4	5	6	7
Separação	1	2	3	4	5	6	7
Ansiedade	1	2	3	4	5	6	7
Afeto	1	2	3	4	5	6	7

Paraíso	1	2	3	4	5	6	7
Rancor	1	2	3	4	5	6	7
Inconsistência	1	2	3	4	5	6	7
Sensível	1	2	3	4	5	6	7
Serviço	1	2	3	4	5	6	7
Sonho	1	2	3	4	5	6	7
Homicídio	1	2	3	4	5	6	7
Graduação	1	2	3	4	5	6	7
Negligência	1	2	3	4	5	6	7
Doce	1	2	3	4	5	6	7
Treino	1	2	3	4	5	6	7
Gênio	1	2	3	4	5	6	7
Agressivo	1	2	3	4	5	6	7
Teoria	1	2	3	4	5	6	7
Verdade	1	2	3	4	5	6	7
Infeção	1	2	3	4	5	6	7
Relação	1	2	3	4	5	6	7
Tortura	1	2	3	4	5	6	7
Aprendizagem	1	2	3	4	5	6	7
Explicação	1	2	3	4	5	6	7
Desempenho	1	2	3	4	5	6	7
Preocupação	1	2	3	4	5	6	7
Lindo	1	2	3	4	5	6	7
Pensamento	1	2	3	4	5	6	7
Horror	1	2	3	4	5	6	7
Apego	1	2	3	4	5	6	7
Cuidar	1	2	3	4	5	6	7
Ministério	1	2	3	4	5	6	7
Currículo	1	2	3	4	5	6	7
Leitura	1	2	3	4	5	6	7
Zanga	1	2	3	4	5	6	7
Aula	1	2	3	4	5	6	7
Humor	1	2	3	4	5	6	7
Desonesto	1	2	3	4	5	6	7
Disponibilidade	1	2	3	4	5	6	7
Mestre	1	2	3	4	5	6	7
Perda	1	2	3	4	5	6	7
Proteção	1	2	3	4	5	6	7
Direção	1	2	3	4	5	6	7
Lazer	1	2	3	4	5	6	7
Recreio	1	2	3	4	5	6	7
Ligação	1	2	3	4	5	6	7
Regras	1	2	3	4	5	6	7
Seguro	1	2	3	4	5	6	7
Aluno	1	2	3	4	5	6	7
Toque	1	2	3	4	5	6	7
Crime	1	2	3	4	5	6	7
Evitamento	1	2	3	4	5	6	7

Sujo	1	2	3	4	5	6	7
Palestra	1	2	3	4	5	6	7
Refúgio	1	2	3	4	5	6	7
Instituição	1	2	3	4	5	6	7
Ensino	1	2	3	4	5	6	7
Processo	1	2	3	4	5	6	7
Mágico	1	2	3	4	5	6	7
Nojo	1	2	3	4	5	6	7
Curso	1	2	3	4	5	6	7
Puro	1	2	3	4	5	6	7
Futuro	1	2	3	4	5	6	7
Fofo	1	2	3	4	5	6	7
Exploração	1	2	3	4	5	6	7
Virtude	1	2	3	4	5	6	7
Pesquisa	1	2	3	4	5	6	7
Dependência	1	2	3	4	5	6	7
Segurança	1	2	3	4	5	6	7
Educação	1	2	3	4	5	6	7
Integração	1	2	3	4	5	6	7
Confiança	1	2	3	4	5	6	7
Professor	1	2	3	4	5	6	7
Trauma	1	2	3	4	5	6	7
Proximidade	1	2	3	4	5	6	7
Amor	1	2	3	4	5	6	7
Apoio	1	2	3	4	5	6	7
Interdependência	1	2	3	4	5	6	7
Fraude	1	2	3	4	5	6	7
Grupo	1	2	3	4	5	6	7
Brisa	1	2	3	4	5	6	7
Educativo	1	2	3	4	5	6	7
Partilha	1	2	3	4	5	6	7
Responsividade	1	2	3	4	5	6	7
Participação	1	2	3	4	5	6	7
Instrução	1	2	3	4	5	6	7
Intimidade	1	2	3	4	5	6	7
Feliz	1	2	3	4	5	6	7
Reciprocidade	1	2	3	4	5	6	7
Insegurança	1	2	3	4	5	6	7
Multa	1	2	3	4	5	6	7
Guerra	1	2	3	4	5	6	7
Fixe	1	2	3	4	5	6	7
Investigação	1	2	3	4	5	6	7
Afeição	1	2	3	4	5	6	7
Mentor	1	2	3	4	5	6	7
Vocabulário	1	2	3	4	5	6	7
Conquista	1	2	3	4	5	6	7
Faculdade	1	2	3	4	5	6	7
Belo	1	2	3	4	5	6	7

Luto	1	2	3	4	5	6	7
Investimento	1	2	3	4	5	6	7
Riso	1	2	3	4	5	6	7
Defesa	1	2	3	4	5	6	7
Lucro	1	2	3	4	5	6	7
Atividades	1	2	3	4	5	6	7
Catástrofe	1	2	3	4	5	6	7
Mutualidade	1	2	3	4	5	6	7
Fantasia	1	2	3	4	5	6	7
Regência	1	2	3	4	5	6	7
Academia	1	2	3	4	5	6	7
Medo	1	2	3	4	5	6	7

**Obrigada pela sua colaboração!**

**Anexo E** – Apresentação dos resultados obtidos pelo *Teste t de student* para o controlo dos três índices psicolinguísticos nos diferentes tipos de palavras

Quadro 3. Resultados obtidos pelo Teste *t* de student para o controle dos três índices psicolinguísticos nos diferentes tipos de palavras

Índice Psicolinguístico	Relação entre os Tipos de Palavras		
	Emocionais vs Neutras	Vinculação vs Neutras	Emocionais vs Vinculação
Concreteza	$t(29) = 4.91, p < .001$	$t(29) = 5.98, p < .001$	$t(29) = 4.22, p < .001$
Valência Emocional	$t(29) = 14.40, p < .001$	$t(29) = 8.27, p < .001$	$t(29) = 6.13, p < .001$
Familiaridade	$t(29) = 5.36, p < .001$	$t(29) = 5.93, p < .001$	$t(29) = 4.33, p < .001$

**Anexo F – Declaração de Consentimento Informado**

## DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

No âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, está a ser desenvolvido um estudo científico que tem como principal objetivo averiguar a existência de diferenças na memória, considerando a orientação de vinculação predominante de cada um.

Pretende-se contribuir para um melhor conhecimento acerca desta temática sendo, deste modo, a sua colaboração fundamental. A participação neste estudo é voluntária, tendo a liberdade para decidir sobre a mesma, podendo ainda ser interrompida em qualquer momento, sem que isso lhe traga prejuízos. Todas as informações fornecidas serão confidenciais e destinam-se ao uso exclusivo desta investigação.

Os resultados da investigação, orientada pelo Professor Doutor Nuno Gaspar, serão apresentados na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto no final do ano letivo de 2016/2017 podendo, se desejar, contactar os autores para se inteirar dos resultados obtidos.

A sua colaboração consiste na resposta a um questionário que pretende avaliar as diferenças individuais da vinculação no adulto, tendo o mesmo a duração de cerca de 10 minutos. Posteriormente, solicita-se a sua participação em uma tarefa de amplitude de operação, com o principal objetivo de avaliar a sua capacidade de memória operatória, estando prevista para esta tarefa a duração de cerca de 20 minutos.

Agradeço desde já a sua atenção e disponibilidade. Qualquer dúvida ou esclarecimento adicional que considere pertinente, poderão ser obtidos através do seguinte contacto: [mipsi12045@fpce.up.pt](mailto:mipsi12045@fpce.up.pt).

-----  
Declaro que tomei conhecimento e compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da investigação que se tenciona realizar, e para a qual é solicitada a minha participação. Nestas circunstâncias, aceito livremente participar neste projeto de investigação, procurando dar o máximo do meu desempenho na realização das tarefas propostas.

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_ / \_\_ / \_\_\_\_

**Anexo G** – Questionário sociodemográfico

## Questionário sociodemográfico

**Idade:** \_\_\_\_ anos

**Sexo:**

Masculino       Feminino

**Nacionalidade:** \_\_\_\_\_

**Curso:** \_\_\_\_\_

**1) Já alguma vez teve uma relação amorosa?**

Sim       Não

**2) Está atualmente a viver uma relação amorosa?**

Sim       Não

**Obrigada pela sua colaboração!**

**Anexo H – Inventário Experiences in Close Relationships (ECR)**

### Experiências em Relações Próximas

ECR – Paiva & Figueiredo, 2010; Versão Portuguesa do Experiences in Close Relationships Inventory; Brennan et al., 1998.

**Instruções:** As seguintes afirmações referem-se ao modo como se sente em relações românticas. Estamos interessados no modo como normalmente experiencia as suas relações e não apenas no que está a acontecer no seu relacionamento atual. Responda a cada afirmação, indicando o quanto concorda ou discorda com ela. Escreva o número no espaço fornecido utilizando a seguinte escala de classificação:

Fortemente em desacordo	Neutro/ misto				Fortemente em acordo	
1	2	3	4	5	6	7

1	Prefiro não mostrar ao meu companheiro(a) como me sinto no meu íntimo
2	Preocupa-me ser abandonada(o)
3	Sinto-me muito à vontade em ser íntima(o) com o meu companheiro(a)
4	Preocupo-me muito com as minhas relações afetivas
5	Dou por mim a afastar-me no momento em que o meu companheiro(a) começa a tornar-se íntimo
6	Preocupa-me que o meu companheiro(a) não se preocupe tanto comigo como eu me preocupo com ele(a)
7	Sinto-me desconfortável quando o meu companheiro(a) quer ser muito íntimo(a)
8	Preocupo-me bastante com a possibilidade de perder o meu companheiro(a)
9	Não me sinto à vontade ao “abrir-me” com o meu companheiro(a)
10	Desejo muitas vezes que os sentimentos do meu companheiro(a) por mim sejam tão fortes como os meus sentimentos por ele(a)
11	Quero tornar-me próxima(o) do meu companheiro(a), mas estou sempre a afastar-me
12	Muitas vezes quero fundir-me totalmente com o meu companheiro(a) e isso afasta-o(a) de mim
13	Fico nervosa(o) quando o meu companheiro(a) se torna demasiado próximo de mim
14	Preocupa-me estar sozinha(o)

15	Sinto-me à vontade em partilhar pensamentos e sentimentos mais íntimos com o meu companheiro(a)
16	O meu desejo de estar muito próxima(o), algumas vezes afasta as pessoas
17	Tento evitar tornar-me demasiado próxima(o) do meu companheiro(a)
18	Preciso de muitas provas de que sou amada(o) pelo meu companheiro(a)
19	Sinto que é relativamente fácil tornar-me próxima(o) do meu companheiro(a)
20	Algumas vezes sinto que forço o meu companheiro(a) a mostrar mais sentimentos, mais compromissos
21	Acho difícil permitir-me depender do meu companheiro(a)
22	Ser abandonada(o) não me preocupa muitas vezes
23	Prefiro não ser demasiado íntimo(a) com o meu companheiro(a)
24	Fico transtornada(o) ou zangada(o) se não consigo que o meu companheiro(a) mostre interesse por mim
25	Conto praticamente tudo ao meu companheiro(a)
26	Acho que o meu companheiro(a) não quer tornar-se tão íntimo(a) como eu gostaria
27	Costumo falar dos meus problemas e preocupações ao meu companheiro(a)
28	Sinto-me um pouco ansiosa(o) e insegura(o) quando não estou envolvida(o) numa relação
29	Sinto-me confortável ao depender do meu companheiro(a)
30	Fico frustrada(o) quando o meu companheiro(a) não está comigo tanto tempo como eu gostaria
31	Não me importo de pedir conforto, conselhos ou ajuda ao meu companheiro(a)
32	Fico frustrada(o) se o meu companheiro(a) não está disponível quando preciso dele(a)
33	Ajuda-me poder contar com o meu companheiro(a) nas situações difíceis
34	Sinto-me muito mal comigo mesma(o) quando o meu companheiro(a) me desaprova
35	Recorro ao meu companheiro(a) para muitas coisas, incluindo conforto e segurança
36	Fico ressentida(o) quando o meu companheiro(a) passa tempo longe de mim

**Obrigado pela sua colaboração!**

**Anexo I – Operações e palavras das diferentes tarefas de amplitude de MO**

## Operações e palavras neutras da Tarefa de Amplitude de MO

$(2+4)-1=5$ Leis	}	<b>Ensaio Treino</b>
$(5-3)+1=2$ Direitos		
$(7-2)+3=8$ Parlamento		
$(8-6)-1=2$ Eleições		
$(3+7)-4=6$ Justiça		
$(9-5)+4=9$ Debate		

## Ensaio Experimentais:

$(6-5)+3=4$ Academia	$(6-3)+4=7$ Regras
$(9-3)+2=7$ Mentor	$(9-7)+3=5$ Treino
$(2+4)-3=3$ Atividades	$(4+2)-5=2$ Ensino
$(8-6)+4=5$ Regência	$(8-4)+2=7$ Integração
$(5+3)-7=2$ Faculdade	$(5+2)-3=5$ Explicação
$(7+2)-4=5$ Vocabulário	$(7+1)-2=6$ Processo
$(6+3)-2=7$ Futuro	$(9-4)+3=8$ Cultura
$(8+1)-5=3$ Aula	$(7-6)+3=4$ Professor
$(9-6)+2=4$ Investigação	$(4+5)-2=7$ Aprendizagem
$(4-2)+6=8$ Aluno	$(5-3)+5=6$ Graduação
$(5+2)-4=2$ Mestre	$(3-2)+7=9$ Formação
$(8-2)+3=9$ Desempenho	$(8-5)+2=5$ Currículo
$(7-5)+6=8$ Pesquisa	$(9-3)+1=8$ Teoria
$(6+2)-4=5$ Curso	$(1+6)-4=3$ Educativo
$(7-3)+5=8$ Pensamento	$(5+4)-3=6$ Direção
$(9-2)+1=6$ Pedagogia	$(2+5)-6=1$ Participação

$(7-4)+1=5$  Grupo

$(4+3)-2=6$  Leitura

$(6-2)+4=8$  Instrução

$(8+1)-3=5$  Serviço

$(5+1)-2=4$  Recreio

$(4-3)+2=3$  Palestra

$(5-2)+5=8$  Educação

$(1+7)-4=3$  Instituição

$(3+3)-5=2$  Reflexão

$(9-5)+2=7$  Ministério

### Operações e palavras emocionais da Tarefa de Amplitude de MO

$(2+4)-1=5$  Leis

$(5-3)+1=2$  Direitos

$(7-2)+3=8$  Parlamento

$(8-6)-1=2$  Eleições

$(3+7)-4=6$  Justiça

$(9-5)+4=9$  Debate

#### Ensaio Treino

### Ensaio Experimental:

$(6-5)+3=4$  Conquista

$(9-3)+2=7$  Belo

$(2+4)-3=3$  Catástrofe

$(8-6)+4=5$  Lucro

$(5+3)-7=2$  Fantasia

$(7+2)-4=5$  Riso

$(6+3)-2=7$  Rancor

$(8+1)-5=3$  Verdade

$(9-6)+2=4$  Infecção

$(4-2)+6=8$  Lindo

$(5+2)-4=2$  Nojo

$(8-2)+3=9$  Dívida

$(7-5)+6=8$  Feliz

$(6+2)-4=5$  Fofa

$(7-3)+5=8$  Guerra

$(9-2)+1=6$  Trauma

$(6-3)+4=7$  Puro

$(9-7)+3=5$  Multa

$(4+2)-5=2$  Mágico

$(8-4)+2=7$  Paraíso

$(5+2)-3=5$  Génio

$(7+1)-2=6$  Gratidão

$(9-4)+3=8$  Fraude

$(7-6)+3=4$  Brilhante

$(4+5)-2=7$  Humor

$(5-3)+5=6$  Fixe

$(3-2)+7=9$  Arrogante

$(8-5)+2=5$  Lazer

$(9-3)+1=8$  Crime

$(5+1)-2=4$  Desonesto

$(1+6)-4=3$  Horror

$(5+4)-3=6$  Agressivo

$(2+5)-6=1$  Tortura

$(7-4)+1=5$  Virtude

$(4+3)-2=6$  Brisa

$(6-2)+4=8$  Zanga

$(8+1)-3=5$  Sonho

$(4-3)+2=3$  Morte

$(5-2)+5=8$  Liberdade

$(1+7)-4=3$  Sujo

$(3+3)-5=2$  Homicídio

$(9-5)+2=7$  Doce

### **Operações e palavras relacionadas com a vinculação da tarefa de amplitude de**

#### **MO**

$(2+4)-1=5$  Leis

$(5-3)+1=2$  Direitos

$(7-2)+3=8$  Parlamento

$(8-6)-1=2$  Eleições

$(3+7)-4=6$  Justiça

$(9-5)+4=9$  Debate

**Ensaios Treino**

### **Ensaaios Experimentais:**

$(6-5)+3=4$  Investimento

$(9-3)+2=7$  Afeição

$(2+4)-3=3$  Mutualidade

$(8-6)+4=5$  Medo

$(5+3)-7=2$  Defesa

$(7+2)-4=5$  Luto

$(6+3)-2=7$  Sensível

$(8+1)-5=3$  Disponibilidade

$(9-6)+2=4$  Relação

$(4-2)+6=8$  Abandono

$(5+2)-4=2$  Apoio

$(8-2)+3=9$  Necessidade

$(7-5)+6=8$  Ambivalência

$(6+2)-4=5$  Confiança

$(7-3)+5=8$  Perda

$(9-2)+1=6$  Inconsistência

$(6-3)+4=7$  Exploração

$(9-7)+3=5$  Amor

$(4+2)-5=2$  Segurança

$(8-4)+2=7$  Toque

$(5+2)-3=5$  Ansiedade

$(7+1)-2=6$  Negligência

$(9-4)+3=8$  Separação

$(7-6)+3=4$  Responsividade

$(4+5)-2=7$  Preocupação

$(5-3)+5=6$  Proteção

$(3-2)+7=9$  Interdependência

$(8-5)+2=5$  Partilha

$(9-3)+1=8$  Insegurança

$(1+6)-4=3$  Reciprocidade

$(5+4)-3=6$  Evitamento

$(2+5)-6=1$  Refúgio

$(7-4)+1=5$  Conforto

$(4+3)-2=6$  Rejeição

$(6-2)+4=8$  Seguro

$(8+1)-3=5$  Ligação

$(4-3)+2=3$  Intimidade

$(5-2)+5=8$  Afeto

$(1+7)-4=3$  Dependência

$(3+3)-5=2$  Apego

$(5+1)-2=4$  Cuidar

$(9-5)+2=7$  Proximidade

**Anexo J – Folha de Respostas da tarefa de Amplitude de Operações**

Código: \_\_\_\_\_

## Folha de Respostas: Tarefa de Amplitude de Operações

### Ensaio de Treino

#### Ensaio 1

V	F
---	---

Palavra: \_\_\_\_\_

#### Ensaio 2

V	F
V	F

Palavras: \_\_\_\_\_

#### Ensaio 3

V	F
V	F
V	F

Palavras: \_\_\_\_\_

### Ensaio Experimentais

#### Ensaio 1

V	F
V	F

Palavras: \_\_\_\_\_

#### Ensaio 2

V	F
V	F

Palavras: \_\_\_\_\_

#### Ensaio 3

V	F
V	F

**Palavras:** \_\_\_\_\_

**Ensaio 4**

V	F
V	F
V	F

**Palavras:** \_\_\_\_\_

**Ensaio 5**

V	F
V	F
V	F

**Palavras:** \_\_\_\_\_

**Ensaio 6**

V	F
V	F
V	F

**Palavras:** \_\_\_\_\_

**Ensaio 7**

V	F
V	F
V	F
V	F

**Palavras:** \_\_\_\_\_

**Ensaio 8**

V	F
V	F
V	F
V	F

**Palavras:** \_\_\_\_\_

**Ensaio 9**

V	F
V	F
V	F
V	F

**Palavras:** \_\_\_\_\_

**Ensaio 10**

V	F
V	F
V	F
V	F
V	F

**Palavras:** \_\_\_\_\_

**Ensaio 11**

V	F
V	F
V	F
V	F
V	F

**Palavras:** \_\_\_\_\_

**Ensaio 12**

V	F
V	F
V	F
V	F
V	F

**Palavras:** \_\_\_\_\_

**Obrigada pela sua colaboração!**